



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ECONOMIA ECOLÓGICA

JAMILLY FERREIRA OLIVEIRA

MAPEAMENTO DA CRIMINALIDADE NA CIDADE DE FORTALEZA/CE

FORTALEZA

2019

JAMILLY FERREIRA OLIVEIRA

MAPEAMENTO DA CRIMINALIDADE NA CIDADE DE FORTALEZA/CE

Monografia apresentada ao Curso de Economia Ecológica do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia Ecológica.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Patrícia Verônica P. Sales Lima.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo (a)
autor(a)

O47m Oliveira, Jamilly Ferreira.
Mapeamento da Criminalidade na Cidade de Fortaleza/CE/ Jamilly Ferreira
Oliveira. – 2019. 66 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do
Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Curso de Economia Ecológica, Fortaleza,
2019.

Orientação: Profa. Dra. Patrícia Verônica Pinheiro Sales Lima.

1. Violência Urbana. 2. Crimes. 3. Espacialidade. I. Título.

CDD 577

MAPEAMENTO DA CRIMINALIDADE NA CIDADE DE FORTALEZA/CE

Monografia apresentada ao Curso de Economia Ecológica do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia Ecológica.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Patrícia Verônica Pinheiro Sales Lima.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Patrícia Verônica Pinheiro Sales Lima (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ms. Ana Vlória da Costa Brito
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Everton Nogueira Silva
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

AGRADECIMENTOS

À Deus, primeiramente. Pelas Suas inúmeras graças derramadas em mim neste tempo através das oportunidades que a mim foram dadas e pelo Seu infinito amor por mim.

À minha família, em especial meus pais, Régia Ferreira e Clodoaldo Oliveira, que sempre se dedicaram a mim e também a minha educação, onde sempre sonharam em ver sua filha em uma universidade pública e agora podem ter o sentimento de dever cumprido.

Aos meus tios Diana Oliveira e Edson Nascimento, nos quais sonham junto comigo e apoiam minha caminhada.

Aos meus avós, Nazareth Ferreira e Francisco Ferreira, nos quais permaneceram junto comigo desde o começo da minha vida, acompanhando meus passos. Também a avó Celeste Oliveira, que tinha o sonho de ir em minha formatura e me ver alçar altos voos, hoje em memória, intercede do céu.

Ao meu namorado, Caio Patrick, meu amigo antes de qualquer coisa e fiel torcedor para que este trabalho fosse concluído com êxito.

Aos meus amigos de turma, representados por Adrianne Maia, Ayeska Lima, Callyne Souza, Emiliane Pontes, Roanna Silva e Liliane Xavier, que nesta jornada podemos desbravar o universo da Economia Ecológica juntos.

À Universidade Federal do Ceará (UFC), por me proporcionar um ensino de qualidade através dos professores do curso de Economia Ecológica, principalmente. Por me oferecer oportunidades de bolsas nas quais eu pude aprender muito e que também me ajudaram a permanecer na graduação e concluí-la.

À professora e orientadora Patrícia Verônica, que aceitou embarcar neste caminho comigo e me auxiliou com todo cuidado e carinho, para que eu tivesse o melhor aproveitamento.

RESUMO

A violência e a criminalidade ainda são temas complexos para trabalhar principalmente devido aos diversos fatores que estão relacionados a essa problemática, como também a não explicação da sua causa e isso aflige a população em todo o mundo. Nas cidades, a violência é designada como "urbana" e se distribui de maneira que ainda hoje torna-se difícil estabelecer estratégias para combatê-la. Sendo então, a criminalidade uma questão que afeta a qualidade de vida das sociedades e modifica suas rotinas. A cidade de Fortaleza/Ceará está inclusa nesse cenário, relacionado a isso estão os ataques das facções criminosas na região que só aumentam com o passar do tempo. O objetivo deste estudo é mapear a criminalidade na cidade de Fortaleza/Ceará, bem como analisar os indicadores de criminalidade do período de 2017 a 2019, a partir das Áreas Integradas de Segurança (AIS) que compõem a capital cearense. Como metodologia foi realizada uma revisão de literatura para basear o estudo teoricamente, um levantamento de dados dos indicadores de criminalidade através da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Ceará (SSPDS/CE) e utilizado o software livre QGis para a construção dos mapas. Foi criado também o índice de criminalidade para que fosse possível examinar a criminalidade de forma geral e identificar de fato as áreas mais perigosas da cidade. Assim, observou-se um aumento na criminalidade entre os anos de 2017 e 2018. Contudo há intervenções que a SSPDS/CE e a Prefeitura de Fortaleza estão investindo, como tecnologias dentro do sistema policial para auxiliá-los no combate a violência. Concluiu-se então que a cidade de Fortaleza ainda necessita de políticas de combate aos homicídios dolosos, roubos e furtos, indicadores estes que preocupam os cidadãos e que são recorrentes no cotidiano da capital.

Palavras-Chave: Violência Urbana, Crimes, Espacialidade

ABSTRACT

Violence and crime are still complicated subjects to work on mainly due to the various factors that are related to this issue, as well as the non-explanation of its cause and this afflicts the population worldwide. In cities, violence is referred to as "urban" and is distributed so that it is still difficult to establish strategies to combat it. Thus, crime is an issue that affects the quality of life of societies and changes their routines. The city of Fortaleza/Ceará is included in this scenario, related to this are the attacks of criminal factions in the region that only increase over time. The objective of this study is to map crime in the city of Fortaleza/Ceará, as well as to analyze the crime indicators from 2017 to 2019, from the Integrated Security Areas (ISA) that make up the capital of Ceará. As a methodology, a literature review was conducted to theoretically base the study, a data collection of crime indicators through the Secretariat of Public Security and Social Defense of the State of Ceará (SPSSD/CE) and the free software QGis was used to construct the data. maps. An aggregate index of crime indicators was also created so that they could be examined at large and in fact identified the most dangerous areas of the city. Thus, there was an increase in crime between 2017 and 2018, due to the interventions that SPSSD/CE and Fortaleza City Hall are investing, as technologies within the police system to assist them. in fighting violence. It is concluded that the city of Fortaleza still needs policies to combat intentional homicides, robberies and thefts, indicators that worry citizens and are recurrent in the daily life of the capital.

Key Words: Urban Violence, Crime, Spaciality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Áreas Integradas de Segurança e os respectivos bairros de Fortaleza	29
Quadro 2 – Indicadores de criminalidade adotados no mapeamento	30
Quadro 3 - Intervenções municipais e estaduais que auxiliam no combate à criminalidade na cidade de Fortaleza	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ocorrências dos Indicadores de Criminalidade na cidade de Fortaleza de acordo com as Áreas Integradas de Segurança (AIS) referente ao ano de 2018.	36
Tabela 2 - Indicadores de criminalidade da cidade de Fortaleza entre os anos de 2017 a 2019 e a taxa de crescimento entres os anos de 2017 e 2018.	38
Tabela 3 – Taxa de crescimento dos indicadores de criminalidade na cidade de Fortaleza por Área Integrada de Segurança (AIS). Período 2017-2018.	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição espacial das áreas integradas de segurança (AIS) de Fortaleza.	28
Figura 2 - Mapa de Homicídios Dolosos por AIS, na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018	42
Figura 3 - Mapa de Vítimas de Lesão Corporal Seguida de Morte por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018	43
Figura 4 - Mapa de Vítimas de Latrocínio, Roubo Seguido de Morte por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018	44
Figura 5 - Mapa do indicador de Todos os Tipos de Roubo por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018	45
Figura 6 - Mapa de Apreensão de Entorpecentes (Kg) por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018	46
Figura 7 - Mapa de Apreensão de Armas de Fogo por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018	47
Figura 8 - Mapa de Ocorrências de Furto por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018	48
Figura 9 - Vítimas de Estupro por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018.....	49
Figura 10 - Mapa do Índice de Criminalidade por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018.	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Justificativa da pesquisa.....	12
1.2 Objetivos.....	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 A violência.....	15
2.2 A violência urbana.....	16
2.3 A criminalidade.....	18
2.4 Implicações na qualidade de vida das pessoas.....	19
2.5 Violência urbana e pobreza.....	20
2.6 Combate à violência urbana.....	22
2.7 Formas de avaliar a violência urbana (indicadores).....	25
2.8 Espacialidade.....	25
3 MATERIAL E MÉTODOS.....	28
3.1 Área geográfica de estudo.....	28
3.2 Origem dos dados.....	30
3.3 Métodos de análise.....	31
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
4.1 Identificação dos crimes mais frequentes nas Áreas Integradas de Segurança (AIS) da cidade de Fortaleza.....	34
4.2 Descrição do comportamento dos indicadores de criminalidade na cidade de Fortaleza entre 2017-2018.....	37
4.3 Identificação das áreas mais vulneráveis à criminalidade na cidade de Fortaleza.....	41
4.4 Sistematização das intervenções públicas no combate à criminalidade na cidade de Fortaleza.....	51
5. CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa da pesquisa

A violência é apontada como o problema que mais aflige a população desde tempos passados e em todo o mundo (FAJNZYLBBER; ARAUJO, 2001). Há uma preocupação do ser humano em entender a essência do fenômeno da violência e dos crimes cometidos, sua natureza, suas origens e meios apropriados, a fim de atenuá-la, preveni-la e eliminá-la da convivência social. O nível de conhecimento atingido, seja no âmbito filosófico, seja no âmbito das Ciências Humanas, permite inferir, no entanto, alguns elementos consensuais sobre o tema e, ao mesmo tempo, compreender o quanto este é controverso, em quase todos os seus aspectos (MINAYO, 1994).

Segundo o Atlas da Violência (IPEA, 2019), em 2017, ocorreram 65.602 homicídios no Brasil, um aumento de 6,7% em relação a 2016. Destes, 72,4% foram cometidos com Armas de Fogo. E os piores cenários encontram-se na região do Nordeste, sendo o Ceará o segundo estado com pior resultado, seguido apenas do Rio Grande do Norte e Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2018), as maiores taxas de mortes violentas intencionais estiveram nas cidades de Rio Branco/AC, Fortaleza/CE e Belém/PA, que são: registros de homicídio, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais.

A cidade de Fortaleza, capital do Ceará, e objeto do presente estudo e nos últimos tempos vem sendo alvo do aumento da criminalidade e da ação das facções criminosas (CERQUEIRA *et al*, 2019).

O estímulo para esse tema de pesquisa é o fato da autora, como moradora da cidade, ter vivenciado transformações no bairro em que cresceu, chamado Couto Fernandes. Assim como nos demais bairros da cidade, nos últimos anos a violência tem tomado conta do lugar, com a presença das facções criminosas e do tráfico de drogas. De acordo com o Atlas da Violência 2019, Fortaleza foi a capital brasileira com a maior taxa de homicídios em 2017. Mensalmente, aconteciam crimes que amedrontavam os moradores, como homicídios. A sensação de insegurança inquietou a autora para que a mesma começasse a compreender o fenômeno da violência e como ela estava distribuída na cidade.

Entender como a violência está distribuída em cada localidade é uma tarefa difícil, devido às relações existentes ali e também por não existirem razões simplificadas que expliquem a sua causa. Essa conjuntura dificulta, portanto, a elaboração de estratégias para a redução do problema, principalmente quando envolve extensas áreas geográficas que apresentam diferentes realidades, como no caso dos bairros de Fortaleza.

O debate sobre a violência está presente em todos os espaços sociais (BARREIRA, 2013). Tal debate ocorre sob diferentes abordagens haja vista que violência é um termo abrangente que se manifesta em alguém tanto de forma física quanto psicológica (PEREIRA *et al.*, 2019). Na presente pesquisa a violência será discutida a partir de atos de violência direta, mais especificamente, aquela refletida nos indicadores de criminalidade. Segundo Feitoza e Costa (2019) tais indicadores funcionam como um termômetro de intensidade da violência em uma região.

O estudo baseou-se em uma revisão de literatura para compreender a violência/criminalidade urbana no mundo e como ela é vista em outras cidades e realidades, bem como ela está sendo mitigada. Em um segundo momento, foram coletados os dados dos indicadores de criminalidade utilizados na pesquisa foram obtidos junto à Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Ceará (SSPDS) e analisados sistematicamente e geograficamente com o auxílio do *software* livre QGis, na elaboração de mapas para melhor visualizá-los. Os estudos de mapeamentos possibilitam a sociedade de conhecerem mais o espaço a seu redor, identificando as características que são inerentes ao lugar e também orientando as tomadas de decisões de profissionais e gestores, que precisam analisar melhor o ambiente.

1.2 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa consiste em realizar o mapeamento da criminalidade na cidade de Fortaleza.

Especificamente buscou-se:

- Identificar quais os crimes mais frequentes nas Áreas Integradas de Segurança (AIS);
- Descrever o comportamento dos indicadores de criminalidade e sua evolução no período recente (2017-2018);
- Identificar as áreas mais vulneráveis à criminalidade na cidade de Fortaleza;

- Sistematizar as intervenções públicas no combate à violência e criminalidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A violência

A violência não é fenômeno de pouco tempo (SILVA, 2010). Esta afirmação serve para naturalizar o fenômeno. Sob o espectro institucional, o discurso acerca da recorrência de atos violentos objetiva relativizar ou minorar a ineficácia das práticas estatais, como também exprimir uma tranquilidade ou paz social, em oposição à insegurança reinante (BARREIRA, p. 222. 2013). Sendo que os crimes nas ruas revelam cada vez mais a dominação da violência sobre a população.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como [...] o uso intencional de força ou poder físico, ameaçado ou real, contra si próprio, outra pessoa ou grupo, que resulte ou tenha uma alta probabilidade de resultar em ferimento ou morte [...] (KRUG; DAHLBERG; MERCY, 2002). Além disso, a OMS também acrescenta as consequências menos aparentes da violência, “como danos psicológicos, privações e mau desenvolvimento que comprometem o bem-estar de indivíduos, famílias e comunidades [...]” (KRUG; DAHLBERG; MERCY, 2002).

Para MICHAUD (1989) apud WAISELFISZ (2007), violência é uma situação de interação, onde um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

A causalidade da violência jamais decorre de um só fator, mas sempre de um conjunto de determinantes fatores em contextos precisos, social e culturalmente (BARREIRA, 2013). A violência está integrada em vários processos internos e externos ao ser humano, que, por complexidade, ainda não se sabe ao certo o que provoca esse fenômeno.

Minayo afirma que:

Desde tempos imemoriais existe uma preocupação do ser humano em entender a essência do fenômeno da violência, sua natureza, suas origens e meios apropriados, a fim de atenuá-la, preveni-la e eliminá-la da convivência social. O nível de conhecimento atingido, seja no âmbito filosófico, seja no âmbito das Ciências Humanas, permite inferir, no entanto, alguns elementos consensuais sobre o tema e, ao mesmo tempo, compreender o quanto este é controverso, em quase todos os seus aspectos. Trata-se de um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, mas seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade (p. 7 1994).

Uma vez que a violência esteja presente por todo o mundo, a nível global, regional e local, tornou-se assim um tema interdisciplinar, sendo possível visualizá-lo de diferentes âmbitos, para que assim torne mais claro e objetivo o entendimento do processo.

Também tem sido objeto de investigação cada vez mais frequente, fenômeno que tem ocupado e preocupado pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, todos buscando compreender, esclarecer, explicar e definir as dimensões do problema que no caso do Brasil tem sido denominado por alguns estudiosos de “epidemia”. Tem raízes em múltiplas causas e condicionamentos, o que a torna fenômeno multifacetado a exigir por isso uma abordagem complexa e diferenciada, que leve em consideração as diversas áreas do conhecimento (FEITOZA e COSTA, p. 95. 2019).

Tal preocupação decorre do fato de que a sociedade está exposta a tudo isso, pois é nesse meio social que as relações ocorrem e a violência difunde-se, por vários fatores. E por mais que já tenha sido estudado em vários campos do conhecimento, por que ainda é tão difícil entender a violência? O que perpassa esse fenômeno que assola tantas pessoas em tantas realidades diferentes?

2.2 A violência urbana

A violência urbana é um fenômeno de abordagem multifacetada, intersetorial e interdisciplinar. Pode ser analisada em termos de aspectos que dizem respeito a indivíduos, grupos, classes e instituições, que em suas relações empregam diferentes métodos e meios de coerção e aniquilamento da pessoa (VIAL et al. p. 14, 2010 apud CHESNAIS, 1981; MINAYO, 2006; MICHAUD, 1998; KRUG *et al*, 2002).

Para estes autores, a definição de violência urbana não difere-se da definição de violência vista no tópico anterior, porém, a mesma pode ser melhor compreendida com a definição seguinte de Silva (2010):

A violência urbana articula um complexo de práticas que constituem boa parte do conflito social nas cidades brasileiras, discutindo o uso de meios violentos à noção leiga de crime (a qual tem relação, mas não pode ser reduzida ao crime como figura do direito penal), enfatizando o quanto essa combinação ameaça permanentemente, e não apenas eventualmente, a integridade física e patrimonial das pessoas (SILVA, p. 206. 2010).

Ou seja, nesta definição, percebe-se que os conflitos já possuem um “lugar” de ocorrência, nas cidades. E como visto no tópico anterior, uma vez que o espaço influencia no desenvolvimento da violência, tem-se aqui uma delimitação deste fenômeno, através do meio.

Oliven (1982) critica o termo violência urbana, por entender que ele desloca o foco sobre as verdadeiras causas da violência, vista como engendrada pelo espaço, considerado pelo autor "apenas o contexto no qual esta se manifesta" (MERICATO, p. 46. 1995 apud OLIVEN, 1982). KOWARICK e ANT (1982) também entendem que as origens da violência estão nos "processos socioeconômicos e políticos e não ecológicos".

MERICATO (p. 46. 1995) considera que:

É exatamente a participação do ambiente construído como agente ativo nesse quadro que se quer ressaltar. Se o conceito de violência urbana não satisfaz porque permite ocultar a real fonte dos conflitos, ignorar o ambiente construído como parte integrante da sociedade que produz essa violência (e também esse espaço discriminatório), também não satisfaz.

Ou seja, esse ambiente, o meio, o espaço, o "lugar", são características importantes para o estudo da violência, para tentar compreender como esses atributos podem diferenciar neste conceito.

A natureza heterogênea das cidades implica que uma ampla gama de comunidades, grupos e interesses são representados e habitam a cidade. Embora essa heterogeneidade possa fomentar o cosmopolitismo e a tolerância (TUCH, 1987; WILSON, 1985) também pode criar conflitos, dependendo do contexto mais amplo. A interseção frequente nas cidades entre heterogeneidade e grandes desigualdades socioeconômicas aumenta o risco de conflito e violência (MONCADA, 2013).

MERICATO (p. 40. 1995) considera que:

A ausência da política urbana, ou a prática vigente de gerir as políticas de habitação, saneamento e transportes urbanos como setoriais é grave porque denota uma incompreensão sobre a importância da gestão do uso e da ocupação do solo. Além da profunda injustiça social, agressão ambiental e deseconomias resultantes de um processo que, em grande parte "corre solto", ilegalmente, sem a presença do chamado controle urbanístico, queremos chamar atenção sobre uma outra consequência: a violência urbana, assunto que preocupa atualmente toda a sociedade, pobres e ricos. Queremos demonstrar que há uma relação entre forma urbana e violência, ou que a segregação ambiental não é um simples reflexo ou suporte de uma sociedade que produz e reproduz a violência, mas é parte importante de um processo que tem no funcionamento do mercado imobiliário segregador, um expediente central de exclusão (MERICATO, p. 40. 1995).

Nesse ponto de vista, a autora chama a atenção para as implicações que ocorrem nas cidades e na relação que com a produção e reprodução de violência, no âmbito ambiental, principalmente. Aqui, verifica-se uma discussão sobre a segregação, a forma

como a população está dividida na cidade, a falta do zoneamento ambiental e a violência como consequência de políticas públicas urbanas ambientais.

2.3 A criminalidade

A criminalidade é um fenômeno social extraclasses, que não apresenta limites geográficos e encontra-se espalhada por todo o país, em diferentes proporções. Nesse contexto, a análise municipal ganha destaque na identificação de estratégias locais e ao reforçar a importância dos municípios na redução da atividade delituosa (ERVILHA, LIMA, 2019).

A criminalidade está associada a crime, cujo conceito material deve ser obtido na Ciência Jurídica, que o define como a conduta humana que lesa ou expõe a perigo um bem jurídico protegido pela lei penal (BRITTO, p. 115. 2017 *apud* MIRABETE, 1992). Assim, um fato considerado crime é jurídico, enquanto considerá-lo violento é social, então, nem toda violência é considerada crime pelo Direito Penal (Britto, 2017).

Portanto, o envolvimento com essa criminalidade pode ser um prestígio social (Oliveira *et al*, 2019), sendo o tráfico de drogas uma atividade que compõe tendências atuais de consumo, estilo de vida e valores recorrentes (MALVASI, p. 68. 2012). A criminalidade e a violência, traduzem-se em atos defensivos e contraofensivos de grupos que anseiam por afirmar suas identidades política, econômica e culturalmente (XAVIER, CHAGAS, REIS, 2019).

Essa temática também tem relação com a socioeconomia do espaço, bem como as necessidades que a sociedade tem de aparatos públicos para que se possa manter a convivência e o bem-estar em todos os lugares.

Britto (p.118. 2017) acrescenta que:

A densidade demográfica das cidades revela-se em proporcionalidade direta com a criminalidade. Essa tendência acentua-se nas regiões de grande industrialização, com a conveniência forçada de grupos sociais de origens diversas. Outro fator importante são as condições de urbanização, ruas e áreas de lazer, além dos equipamentos de urbanismo, que são, antes de luxo e conforto, instrumentos de bem-estar social.

Adorno (1995) explica que a criminalidade urbana violenta, em especial, configura-se como um dos fenômenos que mais preocupam os cidadãos residentes nas grandes e médias cidades brasileiras, passando a ocupar posição de destaque no cenário social.

No Brasil, em especial na Bahia, a criminalidade vem demonstrando estar cada vez mais relacionada ao tráfico de drogas ilícitas, isso se vislumbra nos centros maiores onde as diferenças sociais estão mais presentes. Com efeito, as mortes resultantes das disputas entre grupos traficantes pelo domínio de áreas de influência e da necessidade de se imporem através do terror estão se tornando o padrão do crime de homicídio (Britto, p. 120. 2017).

2.4 Implicações na qualidade de vida das pessoas

Feitoza e Costa (2019) discutem que:

Mídias diversas têm promovido a imagem de um Brasil no qual a segurança pública se tornou um enigma. A comercialização imagética da sensação de insegurança se tornou lugar comum em boa parte das mídias de massas. Este mercado simbólico da insegurança tem se tornado, pois, uma agenda fundamental num Brasil em que não faltam dados estatísticos sobre a expansão da criminalidade (FEITOZA e COSTA, p. 95. 2019).

Fato esses que permeiam o cotidiano das pessoas, refletindo em medo, insegurança, sentimentos que impedem a sociedade de suas atividades do dia a dia por causa da violência e de como ela está sendo disseminada nos meios de comunicação. E a extensão da criminalidade, segundo FEITOZA e COSTA (2019) é fato que gera inúmeras consequências e interfere diretamente na vida das pessoas, nas suas atividades e até nas suas escolhas.

Brandão e Costa (2015) atestam:

Importante lembrar que a violência afeta não apenas as relações e demandas da chamada “segurança pública”, mas também outras áreas da realidade social. Modifica o cotidiano, os padrões de vivência social e mesmo a organização espacial de um lugar. Pior ainda, além de afetar o “direito de ir e vir”, [...] a violência em suas mais variadas nuances afeta a democracia como um todo (BRANDÃO e COSTA, p. 2. 2015).

Feitoza e Costa (2019) complementam:

A temática da violência tem ao longo do tempo e com maior razão nos dias atuais suscitado indagações e preocupado a sociedade de modo geral. As investigações no campo das ciências humanas mostram que o tema tem cada vez mais despertado interesse. Embora o fenômeno geral da violência não seja algo novo, visto que acompanha a sociedade desde os primórdios, passa por um momento crítico e de grande disseminação o que acaba afetando de forma direta a vida das pessoas, atingindo um dos seus bens mais caros, a liberdade (FEITOZA & COSTA, p. 109. 2019).

Com isso, indaga-se: até que ponto a liberdade do indivíduo pode ser interferida diante dos problemas sociais existentes? O direito de ir e vir do cidadão está constantemente ameaçado, configurado pelo perigo e risco que o mesmo está exposto ao sair de casa para realizar alguma atividade, como por exemplo, a ida ao trabalho e a prática

de exercícios físicos. Assim, a dinâmica de um lugar, seus hábitos, costumes, suas atividades, sua rotina e etc., podem ser e geralmente são influenciadas modificadas e afetadas pela violência. (FEITOZA e COSTA, 2019).

A vida social, em todas as formas que conhecemos na espécie humana, não está imune ao que se denomina, o senso comum, de violência, isto é, o uso agressivo da força física de indivíduos ou grupos contra outros (BARREIRA, 2013). Ninguém está totalmente protegido, ainda não é possível que isso seja garantido para os habitantes de uma cidade.

2.5 Violência urbana e pobreza

Para BRICEÑO-LEÓN (2005),

A densidade demográfica associou-se à violência desde o princípio, do ponto de vista da psicologia ambiental, pois [...] o crescimento urbano não planejado e a subsequente densificação [produziram] territórios tortuosos que [eram] facilmente controlados por grupos criminosos e resistentes a ações eficientes e seguras da polícia [...] (BRICEÑO-LEÓN, p. 1640. 2005).

Este autor considera uma relação entre a violência e o meio urbano superpovoado, devido a facilidade de apropriação do lugar como território próprio, podendo ser governado de forma diferente do restante da cidade. Situação essa que é muito difícil ser desfeita pelas autoridades, uma vez que o lugar já tem “dono”.

MARC e WILLMAN (2010) também afirmam que:

A taxa de crescimento urbano foi diretamente atribuída ao aumento da violência (em comparação com o tamanho da cidade ou a densidade populacional), pois o rápido crescimento urbano contribui para as deficiências de infraestrutura que exacerbam as pressões cotidianas de ganhar a vida e criar uma família, aumentando as tensões nas famílias e comunidades, sendo mais fácil que os conflitos cotidianos se transformem em violência. Assim, provisões limitadas de serviços em uma comunidade, em oposição a outra, exacerbam um sentimento de exclusão social, que é ela própria uma causa de violência, que tem o poder de converter áreas de uma cidade em "zonas proibidas" para não residentes e profissionais da lei (MARC e WILLMAN, p. 1. 2010).

A densidade demográfica em pequenos territórios tende a gerar consequências, desde o campo da saúde, até a segurança, como afirma Barreto (2017). Mas essas populações também precisam ser visibilizadas e seus respectivos espaços cuidados para que não seja alvo da caracterização do lugar como “inseguro/perigoso”.

A urbanização intensa deveu-se à maciça transferência da população rural para áreas urbanas. O conceito de urbano pode abranger desde aglomerações com alguns poucos milhares de habitantes até megacidades, com vários milhões de pessoas. Em áreas relativamente restritas, estes centros aglomeram uma grande

quantidade de pessoas. Essas aglomerações criam uma série de problemas e desafios com repercussões na esfera da saúde e que tendem a ser desigual e injustamente distribuídos no espaço e entre os grupos sociais (BARRETO, p. 2102. 2017).

A urbanização acelerada não propiciou a difusão de práticas sociais de tolerância e civilidade nos espaços urbanos. A ausência da socialização e de negociações tornou a violência uma característica complexa do mundo urbano (ZALUAR *et al*, 1994 e VIAL *et al*, 2010). Considera-se também que à medida que as populações metropolitanas da América Latina, África Subsaariana e Ásia Central e do Sul continuam crescendo, o número crescente de indivíduos expostos a recursos limitados, competição por emprego, padrões densos de bairros e a ocorrência de crimes têm propensão a agravar a situação da incidência da violência (KASANG, 2014).

As relações entre pobreza, miséria e pauperização com certos tipos de criminalidade é antiga no imaginário social, mas adquire status moderno com as tentativas científicas dos socialistas do final do século em demonstrar sua efetividade causal (MISSE, 1993). Essa associação vem sendo discutida pelo fato de que o indivíduo é caracterizado pelo ambiente em que está inserido, descartando o contexto social, econômico e político.

SOUZA e LIMA (2007) explanam que:

Vários estudos no país têm mostrado que a violência afeta a população de modo desigual, gerando riscos diferenciados em função de gênero, raça/cor, idade e espaço social. Ademais, as taxas de mortes violentas só refletem a ponta de um enorme iceberg cuja magnitude dos eventos não letais é ainda muito maior, mesmo se considerando a existência de sub-registros (SOUZA & LIMA, p. 1212 2007).

Segundo Mericato (1995), a exclusão social como vimos não é uma característica que chegou à sociedade brasileira com a chamada "globalização". A novidade trazida pelo aprofundamento da pobreza nos anos 80, foi a explosão da violência urbana, que apresenta números e dimensão até então inéditos.

CANO e SANTOS (p. 291. 2001) analisaram que:

Áreas metropolitanas do Brasil, mostraram que o número de homicídios é mais alto nos bairros pobres e mais baixo nas áreas favorecidas das cidades, sendo essa região intramunicipal a que revela mais forte influência da variável renda. No entanto, ao comparar os Estados brasileiros, os mesmos autores concluem que as variáveis renda, educação e desigualdade têm impacto menos significativo nas taxas de homicídios do que a variável urbanização. Ou seja, as municipalidades com alta proporção de população urbana detêm taxas muito mais altas de homicídio.

A dinâmica do espaço urbano somada à desigualdade de oportunidades que podem ser facilmente constatadas nas relações sociais faz da violência homicida um fenômeno que embora atinja a todos indistintamente, seja mais intenso e se concentre mais em áreas de pobreza (RIBEIRO, 2012). A condição de desigualdade e riqueza, e com ela, ausência de políticas públicas sociais, educacionais, de saúde e lazer, são elementos agravantes, em termos estruturais, da violência homicida (HERMES *et al.*, 2015). A nível de país, são os mais desiguais e não os mais pobres os que se revelaram mais violentos (FAJNZYLBER *et al.*, 1998).

Segundo BRITTO (p. 129. 2017):

A América do Sul enfrenta muitos problemas de ordem social e econômica, como as crises sucessivas, a falta de trabalho e oportunidades, as desigualdades sociais e diversos outros problemas que são comuns em todos os países que integram essa parte da América. Essas características geram outros problemas oriundos da criminalidade, tais como o tráfico de drogas, armas, sequestros, atentados, corrupção. As drogas, em especial, motivam quase que todos esses citados, infelizmente tais problemas se fazem presente em muitos países da América do Sul (p. 129. 2017).

Os contornos de segurança são sempre mais tênues e indefinidos, mesmo que não se possa negar a existência de “vítimas e lugares preferenciais” de práticas violentas; conquanto os lugares e vítimas sejam delimitados pelo cinturão de pobreza (BARREIRA, 2013). Embora não se possa rotular que lugares pobres sejam perigosos, há uma conexão entre esses termos.

Para CARDOSO *et al* (2016):

Os estudos reiteram a força com que os intermináveis confrontos violentos pelo controle de mercados ilegais de drogas e armas afetaram de modo desigual os grupos, vitimando principalmente moradores de localidades pobres. Nesse cenário, destacam também a intensificação de uma lógica guerreira vinculada à criminalidade violenta na qual a demonstração do poder de exterminar o inimigo se faz presente nas rivalidades entre integrantes das facções criminosas, de grupos paramilitares (as chamadas “milícias”) e das organizações policiais (CARDOSO, *et al.* p. 1278. 2016).

2.6 Combate à violência urbana

De uma perspectiva pública, o Estado é diretamente responsável pela construção de políticas de segurança pública para com a comunidade. De uma perspectiva social, a sociedade civil, com suas organizações formais e informais, pode contribuir para melhorar a qualidade de vida comunitária (MINAYO, 2006; MICHAUD, 1998; OPAS, 1998).

Minayo (p. 14. 1994) explica sinteticamente que:

[...] as estratégias de prevenção estão ligadas a causalidades específicas e, ao mesmo tempo, a fatores gerais dinâmicos e potencializadores, de difícil dimensionamento, como se tenta explicitar a seguir: 1. Tomando-se a causa específica de mortalidade em maior crescimento hoje no Brasil — os homicídios — como preveni-los? Correndo o perigo de não ser exaustiva e abrangente, pode-se, pelos diagnósticos já existentes, determinar o principal grupo de risco: a população jovem, de baixa renda, baixa qualificação profissional e sem perspectivas no mercado de trabalho formal, vivendo nas Regiões Metropolitanas. As causas estão associadas às extremas desigualdades sociais à existência de um estado omisso e ineficiente na dotação de políticas sociais básicas; às contradições urbanas e de políticas no campo; em síntese, à ausência de um projeto nacional capaz de integrar o grande grupo de risco. Esta situação estrutural é agravada, conjuntamente, pela organização do crime em torno do narcotráfico e do uso de drogas nos grandes centros urbanos, fenômeno que, além de atrair grandes contingentes de jovens, envolve autoridades públicas e empresários, penetrando em todas as camadas sociais. A prevenção dos homicídios, portanto, passa por uma mudança mais profunda do estado e da sociedade, sobretudo por um processo de democratização política, social, econômica e cultural, onde o setor saúde entra como comparsa de um projeto de nação capaz de avançar na cidadania e na equidade (MINAYO, p. 14. 1994).

De maneira comparável, fomentando a capacidade de planejamento dos bairros locais, as comunidades também podem melhorar a prevenção da violência, com programas que delegam maior responsabilidade pelo gerenciamento, avaliação e tomada de decisão sobre as condições urbanas diárias em localidades específicas, que fortalecem os laços de autonomia cooperativa (DAVIS, 2012).

Promovendo, então, o cuidado e a gestão do espaço que todos usufruem, sem a necessidade de espera de ações das autoridades públicas. O construto “apoio social” significa o apoio oferecido ou recebido, tanto individual quanto no grupo. É um processo recíproco que mostra que as pessoas necessitam umas das outras (VIAL *et al*, 2010).

As baixas taxas de crime numa vizinhança seriam o resultado de um ambiente em que os residentes compartilham valores comuns e, ao mesmo tempo, agem de forma a controlar as atividades locais, sobretudo as ilícitas. Este controle social informal ao nível da vizinhança será mais bem exercido quando houver maior interação e confiança entre seus residentes (SAMPSON; GROVES, 1989; SAMPSON *et al.*, 1997; VILLAREAL; SILVA, 2006). Uma comunidade (vizinhança) mais coesa, com maior contato entre os seus residentes, pode gerar um sentimento de maior segurança, a despeito da ocorrência real de crimes na localidade. Assim, os resultados sugerem que, ao mesmo tempo que a redução dos índices de violência deve ser prioridade na agenda dos governantes e policymakers, estes devem estar atentos e sensíveis à importância dos contextos locais,

sobretudo no que diz respeito aos mecanismos que fortalecem os laços sociais por meio da utilização e apropriação pública dos espaços urbanos (VILLAREAL; SILVA, 2006).

Para Kasang (p. 212. 2014):

Do mesmo modo, instituições como clínicas, bibliotecas ou correios podem ser estabelecidas por meio de intervenções espaciais análogas para atender à significativa ausência de tais instituições nos bairros. Além disso, essa intervenção também pode promover a apropriação comunitária do espaço, porque essas instituições costumam ser locais de segregação. O foco dessa intervenção é incentivar um aumento do senso de territorialidade (pertencente ao local) pelos moradores, ao mesmo tempo em que aumenta a vigilância natural das ruas e outros espaços públicos. Como o domínio público nos bairros tornou-se cada vez mais não utilizado, a ocorrência de violência tornou-se mais consistente. Portanto, vigilância e propriedade aprimoradas poderiam promover maior atividade em espaços públicos e promover percepções de segurança comunitária (KASANG, 2014).

Em Caracas, Venezuela, iniciativas de prevenção socioespacial da violência por meio do planejamento espacial se concentraram predominantemente em disposições para fortalecimento institucional, como reforma da polícia e desarmamento (KASANG, 2014). Nos países ricos e industrializados, tentou-se reverter o crescimento da criminalidade através de duras medidas policiais e repressivas. Para alguns autores, isto, na verdade, revelou fragilidade do Estado, a dificuldade de atingir o consenso e de resolver de modo fecundo os problemas da sociedade (COSTA, 1999).

A alteração do domínio público é, além disso, um mecanismo através do qual os governos podem se envolver com as comunidades nas quais a violência se concentra. Isso é importante porque oferece a capacidade de impedir ocorrências de violência direta. Também facilita o envolvimento do governo em áreas em que ele tem estado ausente, o que é fundamental para abordar as experiências estruturais ou culturais mais profundas da violência, muitas vezes características de comunidades violentas e perigosas (KASANG, 2014). Estes territórios precisam de uma relação mais curta com o Estado, para que suas necessidades sejam conhecidas e assim intervindas com políticas de assistência social.

Apesar do dinamismo de muitas das propostas vigentes, existe pouca atenção e sistematização do pensamento e da ação das instituições públicas, privadas e das ONGs voltadas para o tema "prevenção da violência". Em geral, no Brasil, os esforços da área da saúde (tanto públicos como do terceiro setor) têm se direcionado muito mais para a atenção às vítimas de agravos do que para os aspectos positivos que constituem o avesso da violência (GOMES *et al*, 2007). Assim, como se pode afirmar que a violência

encontrou espaço para desenvolver suas múltiplas manifestações, pode-se concluir também que há formas criativas de resistência, oriundas dos setores populares, que devem ser reconhecidas para esclarecer o lugar ocupado pela violência na construção da cidadania (GONZÁLEZ, 2019).

2.7 Formas de avaliar a violência urbana (indicadores)

Um problema específico encontrado no debate sobre violência urbana diz respeito à dificuldade de medir os níveis de violência. Existe um consenso entre acadêmicos e funcionários de que o homicídio, ou o 'assassinato intencional de uma pessoa', fornece o indicador mais confiável dessa incidência. Isso ocorre principalmente porque a gravidade do homicídio aumenta a probabilidade de ser denunciada que outros crimes violentos, como assaltos ou roubos (KRAUSE, 2009; MUGGAH, 2012; WORLD BANK, 2011).

Analisar os níveis de violência dentro de uma cidade usando taxas de homicídio também pode ajudar os formuladores de políticas a direcionar políticas e recursos para redução da violência em áreas com alta incidência. No entanto, essa análise em nível micro geralmente revela 'bolsões de insegurança' entre os bairros mais pobres e mais marginalizados do que nas comunidades de classe média (BRICEÑO-LEÓN e ZUBILLAGA, 2002; WINTON, 2004). Sendo que o primeiro passo para estudiosos e formuladores de políticas é garantir que eles estejam usando evidências que forneçam uma visão holística das realidades da violência urbana (DOYLE, 2019).

LIMA *et al* (2005) investigaram a hipótese de associação entre elevadas taxas de homicídios e indicadores de desenvolvimento humano, de condições de vida, desigualdade de renda, escolaridade, entre outros. Encontraram associação inversa entre violência e índices de pobreza e de analfabetismo, mostrando que a complexidade da violência não pode ser explicada de modo linear e unicausal. Faz-se necessário então uma busca mais refinada, a fim de buscar e compreender qual o cerne da violência e como ela pode ser melhor avaliada.

2.8 Espacialidade

No Brasil, o tema da violência urbana torna-se, cada vez mais, objeto de preocupação nacional. Seu crescimento deve ser analisado levando-se em conta o fato de que vivemos em um sistema globalizado. Todavia, existem particularidades e

fragmentações locais que podem nos auxiliar a entender as diferenças na forma como a violência urbana se manifesta nacionalmente, regionalmente ou localmente (COSTA, 1999).

Esses diferenciais na espacialização dos homicídios são explicados a partir de diversas hipóteses e variáveis consideradas em estudos. A grande maioria deles tenta compreender o efeito dos determinantes a partir de indicadores socioeconômicos principalmente o que se refere à pobreza relativa (desigualdade de renda) (CRUZ, 1996; SZWARCWALD e CASTILHO, 1998; BEATO FILHO, 2001). Embora não haja um fator único que explique por que alguns indivíduos se comportam violentamente com outros ou por que a violência é mais comum em algumas comunidades do que em outras.

STIGLITZ (2013) e JOHNSTON (2014) afirmam que:

A sociedade está “espacialmente distribuída em continentes e nações com diferentes características demográficas e geográficas. Observam-se diferenças nos níveis de desenvolvimento e de riqueza, além de outras, fenotípicas e culturais, que formarão um conjunto diversificado de etnias. Algumas delas [clivagens], que poderiam ser apenas diferenças, transformam-se em desigualdades e, com muita frequência, em iniquidades, na medida em que por relações essencialmente de poder, o acesso e a posse aos bens, serviços e riqueza, fruto do trabalho coletivo e acumulado através de gerações, são desigualmente distribuídos” (STIGLITZ, 2013 e JOHNSTON, 2014).

Sabe-se então que essa espacialidade mal distribuída acarreta impactos que influenciam diretamente um território, gerando conflitos e características de um lugar que ao decorrer do tempo foi evoluindo, conforme o contexto que o estava inserido.

A violência é o resultado da complexa interação dos fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais. Compreender como esses fatores estão relacionados com a violência é um dos passos importantes na abordagem da saúde pública para a prevenção da violência (DAHLBERG; KRUG, 2007).

COSTA (1999) acrescenta:

Uma questão em aberto é porque os países apresentam níveis diferenciados de crimes e de homicídios. Esta relação não existe apenas entre Europa e Estados Unidos, mas entre países mais pobres ou com problemas sociais e políticos. É um fato que o crime, seja em uma dada localidade ou articulado internacionalmente, varia de um país e de uma região para outra. Acreditamos que a explicação deva ser buscada em uma análise de fatores internos existentes em um determinado país conjugados a elementos estruturais ao sistema (COSTA, p. 9. 1999).

Essas explicações acerca do modo de organização dos espaços podem trazer levantamentos e explicações sobre como os dados se comportam em relação a sua arrumação e o que pode-se concluir e investigar a partir daquilo que está disposto geograficamente. Mas Ribeiro e Cano (2016) chamam atenção para:

Explicar as dinâmicas que operam sobre pessoas a partir de dados espaciais agregados pode provocar distorções como a “falácia ecológica”. O fato de áreas habitadas preferencialmente por indivíduos com determinado perfil registrarem vitimização superior não significa, necessariamente, que sejam os indivíduos com esse perfil os que sofrem ou cometem violência. De fato, a concentração de certos grupos em um território é frequentemente um indicador de condições ambientais que afetam toda a população residente (RIBEIRO e CANO, 2016).

E estudos corroboram que os crimes contra o patrimônio como roubo, furtos, assaltos, tráfico de drogas, entre outros, ocorrem mais frequentemente nas áreas cujo potencial econômico é elevado, enquanto que os bairros nos quais as condições sociais e econômicas são precárias predominam os crimes contra a vida como o homicídio (COSTA *et al*, 2016).

O que surge de novo no panorama da violência brasileira é que está ocorrendo um processo, uma disseminação dos homicídios para outros municípios das regiões metropolitanas e do interior dos Estados que, na maioria das vezes, está associado ao tráfico de drogas e outras mercadorias ilícitas, mas também se faz presente em áreas de ocupação e desenvolvimento recente (SOUZA & LIMA, 2007).

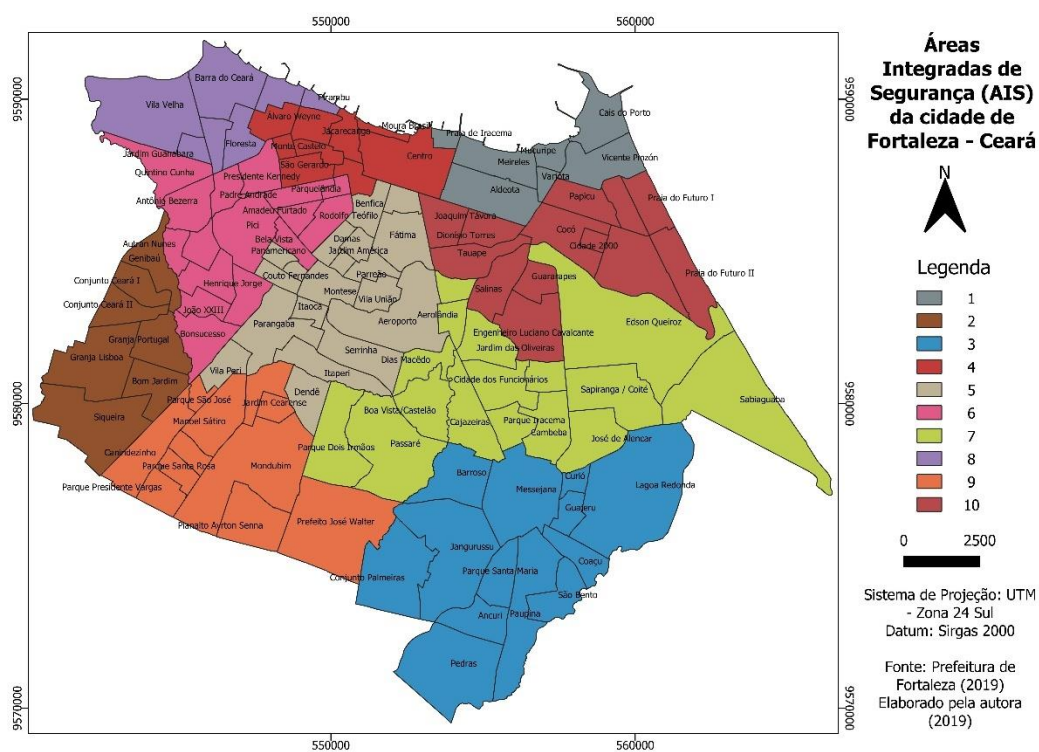
3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Área geográfica de estudo

Como já mencionado, a área geográfica de estudo corresponde à cidade de Fortaleza, capital do Ceará. A unidade menor de observação são as Áreas Integradas de Segurança (AIS). Em 2017, a SSPDS/CE através do Secretário André Costa, dividiu a cidade em 10 AIS. Essa divisão leva em conta a densidade demográfica dos bairros e as ocorrências criminais que ocorriam nos mesmos no referido período.

Cada AIS contém seu batalhão da Polícia Militar, delegacia e quartel próprios. Existem também as AIS da Região Metropolitana de Fortaleza, como também do Interior do estado, as quais não são foco desta pesquisa. A distribuição espacial das AISs de Fortaleza pode ser visualizada na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição espacial das áreas integradas de segurança (AIS) de Fortaleza.



Fonte: Elaboração própria.

Cada AIS é composta pelos seguintes bairros (Quadro 1):

Quadro 1 – Áreas Integradas de Segurança e os respectivos bairros de Fortaleza.

Área Integrada de Segurança	Bairros
AIS 1	Aldeota, Cais do Porto, Meireles, Mucuripe, Praia de Iracema, Varjota e Vicente Pinzon.
AIS 2	Bom Jardim, Conjunto Ceará I, Conjunto Ceará II, Genibaú, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira.
AIS 3	Ancuri, Barroso, Coaçu, Conjunto Palmeiras, Curió, Guajeru, Jangurussu, Lagoa Redonda, Messejana, Parque Santa Maria, Paupina, Pedras e São Bento.
AIS 4	Álvaro Weyne, Carlito Pamplona, Centro, Farias Brito, Jacarecanga, Monte Castelo, Moura Brasil, São Gerardo e Vila Ellery.
AIS 5	Aeroporto, Benfica, Bom Futuro, Couto Fernandes, Damas, Demócrito Rocha, Dendê, Fátima, Itaoca, Itaperi, Jardim América, José Bonifácio, Montese, Pan Americano, Parangaba, Parreão, Serrinha, Vila Pery e Vila União.
AIS 6	Amadeu Furtado, Antônio Bezerra, Autran Nunes, Bela Vista, Bonsucesso, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Padre Andrade, Parque Araxá, Parquelândia, Pici, Presidente Kennedy, Quintino Cunha e Rodolfo Teófilo.
AIS 7	Aerolândia, Alto da Balança, Boa Vista, Cajazeiras, Cambeba, Cidade dos Funcionários, Dias Macedo, Edson Queiroz, Jardim das Oliveiras, José de Alencar, Parque Dois Irmãos, Parque Iracema, Parque Manibura, Passaré, Sabiaguaba e Sapiranga.
AIS 8	Barra do Ceará, Cristo Redentor, Floresta, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Pirambu e Vila Velha.
AIS 9	Canindezinho, Conjunto Esperança, Conjunto José Walter, Jardim Cearense, Maraponga, Mondubim, Parque Santa Rosa, Parque São José, Planalto Ayrton Senna, Presidente Vargas e Vila Manoel Sátiro.
AIS 10	Cidade 2000, Cocó, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Cavalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Lourdes, Manoel Dias Branco, Papicu, Praia do Futuro I, Praia do Futuro II, Salinas e São João do Tauape.

Fonte: Elaboração própria.

Desde 2017, os dados sobre criminalidade em Fortaleza são divulgados nessa escala geográfica. Considerando-se o critério de disponibilidade de dados por AIS, a pesquisa contemplou o período de 2017 e 2018.

3.2 Origem dos dados

Para o embasamento teórico no tema abordado foi realizada uma revisão de literatura nos seguintes portais virtuais: Scielo; Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram buscados artigos, livros, monografias e dissertações que abordassem a temática da violência e criminalidade urbana.

Os dados socioeconômicos da cidade de Fortaleza foram levantados a partir do Censo Demográfico de 2010 publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e também pela Secretaria Municipal de Finanças de Fortaleza.

Os dados sobre violência foram analisados a partir dos indicadores de criminalidade extraídos do site da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS/CE), conforme estabelecido pela Lei Estadual de Acesso à Informação, Lei nº 15.175/2012. Ressalta-se que os números de ocorrências dos crimes são disponibilizados por Área Integrada de Segurança (AIS) e não por bairros para não interferir na especulação imobiliária na cidade de Fortaleza. Os indicadores de criminalidade estão apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 - Indicadores de criminalidade adotados no mapeamento.

Indicador	Composição
Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI)	Homicídio Doloso, Lesão Corporal Seguida de Morte e Roubo Seguido de Morte (Latrocínio).
Crimes Violentos Contra o Patrimônio (CVP 1)	Crimes de Menor Potencialidade: Roubo à pessoa; Roubo de documentos e outros roubos que não estão incluídos no CVP 2, exceto latrocínio.
Crimes Violentos Contra o Patrimônio (CVP 2)	Crimes de Maior Potencialidade: Roubo a residência; Roubo com restrição de liberdade da vítima; Roubo de carga e Roubo de veículos, exceto latrocínio (Ou seja, todos os tipos de roubos estão inclusos em CVP 1 e 2).
Apreensão de Entorpecentes	Cocaína; Crack; Maconha e Haxixe (em Kg).
Apreensão de Armas de Fogo	-
Ocorrências de Furto	(Difere-se do roubo pelo fato do criminoso não obter contato com a vítima)
Crimes Sexuais	Atentado violento ao pudor; Estupro; Estupro de vulnerável e Exploração sexual de menor.

Fonte: Elaboração própria

3.3 Métodos de análise

Os métodos de análise adotados na pesquisa podem ser descritos em quatro grupos: i) Pesquisa documental e bibliográfica; ii) Técnicas estatísticas de análise descritiva dos dados; iii) Técnicas para construção do Índice Agregado e iv) Procedimentos para elaboração de mapas temáticos. A seguir a descrição de cada um deles.

i) Pesquisa documental e bibliográfica

A sistematização das intervenções públicas no combate à violência na cidade de Fortaleza foi realizada por meio de duas tipologias de pesquisa: a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica. De acordo com Oliveira (2007) a diferença entre ambas é que a pesquisa bibliográfica se volta para documentos de científicos como livros, periódicos, teses e dissertações, e artigos. Enquanto a pesquisa documental consiste na obtenção de informações a partir de documentos como “relatórios técnicos, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (OLIVEIRA, 2007, p. 69). Complementarmente, a pesquisa documental “é um método de escolha e de verificação de dados; visa o acesso às fontes pertinentes” (SÁ-SILVA *et al*, 2009).

ii) Técnicas estatísticas de análise descritiva dos dados

A análise dos indicadores descritos no Quadro 2 foi realizada por meio de técnicas de estatística descritiva e consistiu na análise dos valores absolutos nos anos 2017 a 2019. Contudo, a tendência dos indicadores de criminalidade foi mensurada por meio da taxa de crescimento no período 2017–2018, dado que não existiam dados disponíveis para todo o ano de 2019. As taxas foram calculadas para cada um dos indicadores, para a cidade de Fortaleza como um todo, e para cada AIS.

iii) Técnicas para construção de Índice Agregado

Considerando-se que a criminalidade é explicada pelo conjunto de vários indicadores, a hierarquização das AIS segundo a gravidade do problema deve considerar a situação de cada uma delas em relação a todos os indicadores simultaneamente. Para tornar isso possível optou-se por agregar as informações dos indicadores do Quadro 2 em uma única medida representada pelo Índice de Criminalidade (IC).

O IC foi calculado em duas etapas, seguindo o mesmo procedimento adotado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD para o cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano - IDH. Na primeira etapa foi realizada a padronização dos valores atribuídos a cada indicador de criminalidade (C_{ij}). Para tanto foi adotado o método mín-máx:

$$C_{ij}^* = \frac{C_{ij} - C_i^{min}}{C_i^{max} - C_i^{min}} \quad (1)$$

Sendo:

C_i^{min} é o menor valor observado para o indicador de criminalidade “i” entre as 10 AISs e C_i^{max} é o maior valor observado no mesmo intervalo;

C_{ij} é o valor do i-ésimo indicador na j-ésima AIS;

C_{ij}^* é o valor padronizado de C_{ij}

Na segunda etapa os valores padronizados de indicador foram agregados no índice por meio da equação:

$$IC_j = \frac{1}{k} \sum_{i=1}^k C_{ij}^* \quad (2)$$

IC_j = Índice de Criminalidade na j-ésima AIS;

$i = 1, \dots, k$ (k = número de indicadores de criminalidade);

$j = 1, \dots, n$ (n = número de AISs, 10).

O IC foi calculado para os anos 2017 e 2018, a fim de observar uma mudança de curto prazo. Além disso, foi calculado o IC para a cidade de Fortaleza, o qual correspondeu à média aritmética dos índices das AIS.

O IC varia de 0 a 1 e permite uma análise relativa do nível de criminalidade, ou seja, AIS com maiores valores de IC apresentam maiores níveis de criminalidade.

iv) Procedimentos para elaboração de mapas temáticos.

A importância dos mapas é devida a sua representatividade da realidade, bem como a ilustração de forma reduzida de uma determinada área da Terra, possibilitando a

sociedade de compreender o espaço através de uma imagem, ou seja, um meio de comunicação visual. Torna-se possível então, a localização, a comunicação, o conhecimento e também a medição de distâncias. Essa área de estudo denomina-se como Cartografia Temática, sendo o campo da cartografia que aborda todas as etapas de produção do mapa, objetivando adequar o nível de complexidade ao usuário. É, ainda, uma disciplina acadêmica e tema de estudos científicos (SAMPAIO, 2018).

A técnica de mapeamento tem o objetivo de localizar atividades específicas em um plano, resultando em informações que possam nortear ações e planejamentos. Também é capaz de representar todos os tipos de informações geográficas, caracteriza-se por sua aplicação em quaisquer áreas do conhecimento que permitam vincular a informação à superfície terrestre, bem como localizar pontos e áreas específicas. A visualização de dados em forma de mapas torna a informação mais fácil de ser compreendida e analisada, pois apresentam padrões espaciais que não seriam perceptíveis pela consulta a uma tabela, por exemplo. O objetivo principal não é a representação exata das quantidades envolvidas, mas permitir a percepção do fenômeno a ser representado, preferencialmente de forma rápida (SAMPAIO; BRANDALIZE, 2018).

O mapeamento da criminalidade em Fortaleza foi realizado com o auxílio do *software* livre QGis, versão 3.8.1, plataforma de Sistema de Informação Geográfica (SIG) que permite a sistematização dos dados levantados para a ilustração espacial. Os *shapefiles* foram baixados no site Fortaleza em Mapas, alimentado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Os atributos utilizados na elaboração dos mapas foram os indicadores de criminalidade e o Índice de Criminalidade (IC).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção se encontra organizada em quatro partes. Inicialmente são identificados os crimes mais frequentes na cidade de Fortaleza e em cada AIS. Em seguida faz-se uma análise evolutiva dos indicadores de criminalidade com o propósito de identificar quais os crimes que apresentaram expansão entre 2017 e 2018, bem como quais as áreas que conseguiram conter o problema da criminalidade e quais aquelas em que o crime avançou. Em um terceiro momento é apresentado um mapeamento dos crimes com a identificação das áreas mais vulneráveis de Fortaleza. Por fim, são apresentadas as principais intervenções voltadas ao combate da criminalidade na cidade.

4.1 Identificação dos crimes mais frequentes nas Áreas Integradas de Segurança (AIS) da cidade de Fortaleza

Fortaleza é uma cidade onde a desigualdade socioeconômica pode ser facilmente percebida (Monteiro, 2011). Essa configuração se mantém quando se considera a distribuição dos crimes nas regiões locais. Como se observa na Tabela 1 a quantidade de crimes registrados varia consideravelmente entre as dez Áreas Integradas de Segurança (AIS). Considerando-se os dados de 2018. A AIS 5 contém os maiores números quando se trata de roubos e furtos. A AIS 5 é composta pelos seguintes bairros: Aeroporto, Benfica, Bom Futuro, Couto Fernandes, Damas, Demócrito Rocha, Dendê, Fátima, Itaoca, Itaperi, Jardim América, José Bonifácio, Montese, Pan Americano, Parangaba, Parreão, Serrinha, Vila Pery e Vila União. E esse cenário vem se repetindo desde 2017, principalmente nos bairros Parangaba, Benfica, Montese, Fátima e Aeroporto, devido à falta do efetivo policial na região (HOMICÍDIOS, 2018).

A AIS 2 é uma região de periferia e liderou o número de homicídios em 2018, com os seguintes bairros: Bom Jardim, Conjunto Ceará I, Conjunto Ceará II, Genibaú, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. A mesma concentrou quase 17% das mortes violentas na capital cearense (6 BAIRROS, 2019). Nessa área, a polícia é constantemente desafiada pelas facções que atuam na cidade, principalmente no que se refere à ocupação dos condomínios residenciais de programas de imóveis populares como o “Minha Casa, Minha Vida”, onde as facções expulsam moradores de suas casas ou apartamentos (RIBEIRO, 2019).

Verificando os indicadores de criminalidade, percebe-se também que Roubos e Furtos são os crimes mais frequentes nas AIS, podendo ser explicados por ser um tipo de crime que muitas vezes acontece sem premeditação em momentos de descuido da vítima, o que inclusive torna-se difícil a ação policial. No outro extremo nota-se que os crimes menos ocorrentes são: Lesão Corporal Seguida de Morte e Latrocínio, roubo seguido de morte. Nestes casos, a polícia tem mais aparatos para investigar e buscar os criminosos.

Segundo o IBGE (2010), os bairros da cidade de Fortaleza considerados com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) alto e muito alto, são: Cocó, Mucuripe, Praia de Iracema, Varjota, Guararapes, Aldeota, Dionísio Torres e Meireles. A maioria destes bairros fazem parte da Área Integrada de Segurança (AIS) 1, que contém valores altos – Dados referentes ao ano de 2018 – quando se refere a Ocorrências de Furtos, mas com zero registro de vítimas de Lesão Corporal Seguida de Morte e Latrocínio, Roubo Seguido de Morte, ou seja, os bairros mais nobres também podem ser considerados perigosos e suscetíveis às ações criminais.

Tabela 1 – Número de ocorrências dos Indicadores de Criminalidade na cidade de Fortaleza de acordo com as Áreas Integradas de Segurança (AIS) referente ao ano de 2018.

Área Integrada de Segurança	Vítimas de Homicídio Doloso	Vítimas de Lesão Corporal Seguida de Morte	Vítimas de Latrocínio, Roubo Seguido de Morte	Todos os tipos de roubo	Apreensão de Entorpecentes (KG)	Apreensão de Armas de Fogo	Ocorrências de Furto	Vítimas de Estupro
1	56	0	0	2677	33,58	124	3587	7
2	243	4	2	2999	128,51	214	1556	12
3	164	2	1	3612	301,77	248	2056	14
4	94	2	2	3692	63,7	117	3678	8
5	120	2	2	5801	138,63	197	4490	12
6	180	6	0	5403	232,53	243	2840	10
7	193	1	1	4151	126,11	251	3239	13
8	152	0	1	2029	233,59	126	751	6
9	179	2	1	3264	177,63	206	1454	17
10	64	0	3	2550	126,33	123	2229	9

Fonte: Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (2019).
Elaborado pela autora (2019).

De um modo geral, os indicadores apresentam um número elevado de casos, o que reforça o quanto Fortaleza se tornou uma cidade violenta nos últimos anos. Embora Barreira (2018) evidencie que o aumento da violência e das taxas de homicídios não pode ser explicado apenas pelo tráfico de drogas e pela circulação de armas de fogo, já que a violência e a criminalidade estão inseridas em um cenário mais amplo, que passa pelas desigualdades e pelo enfrentamento dos conflitos sociais, estes indicadores servem para chamar atenção para a realidade existente na cidade.

4.2 Descrição do comportamento dos indicadores de criminalidade na cidade de Fortaleza entre 2017-2018

Nos últimos anos Fortaleza vivenciou uma série de crimes noticiados amplamente nos noticiários do país inteiro. Grande parte desses crimes está associada a uma guerra de facções que tem alavancado os níveis de criminalidade na cidade e disseminado o medo e a violência urbana. Esse cenário pode ser analisado a partir dos indicadores expostos na Tabela 2.

Considerando-se que taxas de homicídios superiores a 10 para cada 100 mil habitantes são consideradas epidêmicas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), os números na cidade de Fortaleza ressaltam uma situação de extrema vulnerabilidade, apesar da queda nos valores observados na maioria dos indicadores apresentados. O indicador com maior declínio entre os anos de 2017 e 2018 foi Apreensão de Entorpecentes (Kg), com mais de 60%. Em seguida, percebe-se uma diminuição nas vítimas de homicídio doloso e as vítimas de latrocínio e roubo seguido de morte, com pouco mais de 30%, cada.

Segundo Cerqueira *et al.* (2019), no Atlas da Violência 2019, as taxas estimadas de homicídios para a cidade de Fortaleza tinham crescido entre 2016 e 2017 em 69,5%. Barreira (2018) chama atenção que o aumento de Mortes Violentas Intencionais ocorreu em todo o Ceará entre 2014 e 2017, de 16,4%, englobando casos de homicídios dolosos e lesão corporal seguida de morte. E de acordo com a tabela, observa-se que o cenário vem sendo modificado desde então. Tais observações podem ser explicadas pela atuação da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará que vem trazendo em sua gestão práticas inovadoras utilizando a tecnologia dentro do sistema policial.

Tabela 2 - Indicadores de criminalidade da cidade de Fortaleza entre os anos de 2017 a 2019 e a taxa de decréscimo entres os anos de 2017 e 2018.

Indicadores**	2017	2018	2019*	Taxa de Decréscimo (%) - 2017/2018
Vítimas de Homicídio Doloso	88.4	54.7	16.2	-38.4
Vítimas de Lesão Corporal Seguida de Morte	0.7	0.7	0.4	4.9
Vítimas de Latrocínio, Roubo Seguido de Morte	1.1	0.5	0.2	-55.4
Todos os tipos de roubo	1664.5	1368.7	740.1	-17.8
Apreensão de Entorpecentes (KG)	177.8	59.1	29.2	-66.8
Apreensão de Armas de Fogo	84.7	70.0	25.2	-17.4
Ocorrências de Furto	1079.2	979.1	633.5	-9.3
Vítimas de Estupro	5.8	4.1	3.1	-29.4

* Dados de Janeiro a Setembro de 2019.

** Valores dos indicadores referem-se a crimes por 100.000 habitantes.

Fonte: Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (2019).

Todos os indicadores tiveram diminuição do valor no ano de 2019, significando um melhor quadrante referente à situação da criminalidade na cidade de Fortaleza, mesmo com os ataques das facções criminosas que assolaram o estado, desde o começo do ano de 2019, devido às mudanças na gestão das penitenciárias cearenses.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2018), em comparação com outras capitais do Brasil, em relação ao número de vítimas de Homicídio Doloso, no ano de 2017, a cidade de Fortaleza tem o valor mais alto, seguida das cidades do Rio de Janeiro/RJ e de Salvador/BA. Em relação ao Latrocínio, em 2017, a cidade com maior número de vítimas foi São Paulo. A cidade de Fortaleza está em quarto lugar.

A Tabela 3 mostra a taxa de crescimento dos indicadores de criminalidade por Área Integrada de Segurança (AIS) na cidade de Fortaleza, nos anos 2017 e 2018. Houve redução de crimes em quase todos os indicadores com exceção de “Vítimas de Lesão Corporal Seguida de Morte”. Contudo, o comportamento de alguns indicadores em determinadas AIS mostra uma tendência preocupante. É o caso da AIS 2: apesar de ser a área com maior número de vítimas de homicídio doloso, é também a área onde se deu a menor queda no número de ocorrências, o que demonstra a dificuldade de conter esse crime na região e a necessidade de intervenções mais efetivas. Como observação favorável nessa região, destaca-se o aumento na apreensão de armas de fogo. Esse

aumento, contudo, deve ser visto com ressalvas pois pode ser reflexo da grande quantidade de armas ilícitas circulando entre a população e um fator de exposição dessa população ao crime. Fortaleza é a nona capital que mais reduziu o número de vítimas de estupro, sendo Salvador-BA a capital brasileira que lidera o ranking (FORTALEZA, 2019).

Tabela 3 – Taxa de decrescimento dos indicadores de criminalidade na cidade de Fortaleza por Área Integrada de Segurança (AIS). Período 2017-2018.

Área Integrada de Segurança (AIS)	Vítimas de Homicídio Doloso	Vítimas de Lesão Corporal Seguida de Morte	Latrocínio, Roubo Seguido de Morte	Todos os tipos de roubo	Apreensão de Entorpecentes (KG)	Apreensão de Armas de Fogo	Ocorrências de Furto	Vítimas de Estupro
1	-33,3	-100,0	-100,0	-11,4	-79,6	-9,5	-3,8	-69,6
2	-0,4	300,0	0,0	-12,8	-64,4	8,1	-3,5	-40,0
3	-33,3	0,0	-66,7	-17,1	-28,2	-12,4	-3,6	-26,3
4	-13,0	0,0	-50,0	-25,5	-51,9	-17,0	-24,6	-20,0
5	-18,9	100,0	-71,4	-14,7	-14,2	9,4	-1,6	0,0
6	-20,4	50,0	-100,0	-17,3	-85,7	-28,3	-13,0	-33,3
7	-26,9	s.c	-66,7	-24,0	-71,6	-23,7	8,3	-13,3
8	-38,2	-100,0	0,0	-15,2	-52,2	-31,1	-20,1	-25,0
9	-29,2	0,0	-83,3	-8,9	-19,9	-3,7	-15,3	-5,6
10	-87,5	-100,0	200,0	-20,0	-62,4	-44,3	-12,0	-25,0

s.c – Sem cálculo. Valor nulo em 2017 impede o cálculo da taxa de crescimento no período.

Fonte: Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (2019).

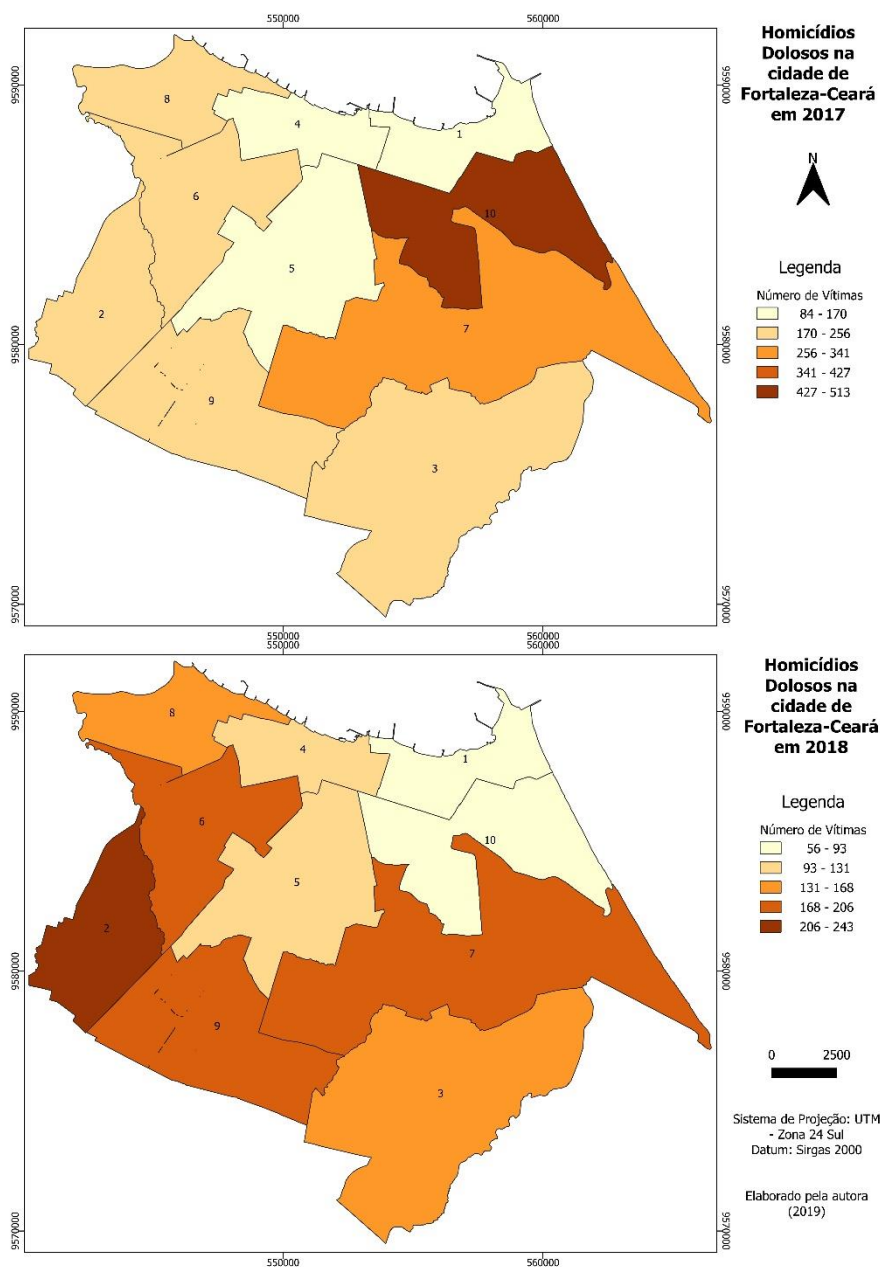
Elaborado pela autora (2019).

4.3 Identificação das áreas mais vulneráveis à criminalidade na cidade de Fortaleza

Nesta subseção realizou-se o mapeamento da criminalidade na cidade de Fortaleza de acordo com os indicadores destacados no Quadro 2, a fim de visualizar espacialmente as Áreas Integradas de Segurança (AIS) com maiores números de crimes. São apresentados mapas referentes aos anos de 2017 e 2018, com o intuito de verificar a ocorrência de migração da criminalidade de uma região para outra. Os mapas se encontram definidos por grupos ou clusters, com cores distintas, sendo que as áreas mais críticas são as mais escuras. Áreas com a mesma cor são consideradas semelhantes quanto ao nível de ocorrência do crime em questão.

A Figura 2 mostra a distribuição dos casos de Homicídios Dolosos nas AIS. No período 2017 - 2018 houve uma diminuição no número de casos, em cada classe, melhorando o cenário, pois esse número vinha aumentando desde 2016 (FORTALEZA, 2018). Em relação às áreas mais críticas observa-se que a pior situação mudou da AIS 10 para a AIS 2. De fato, a queda no número de casos ocorreu principalmente na AIS 10, correspondente aos bairros considerados com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito alto (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2010). Assim, com os dados públicos, é possível traçar algumas relações entre vulnerabilidade sociais e indicadores de criminalidade. Um exemplo é a sobreposição do IDH dos bairros e o número de Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI) nessas regiões (BARBOSA, 2019).

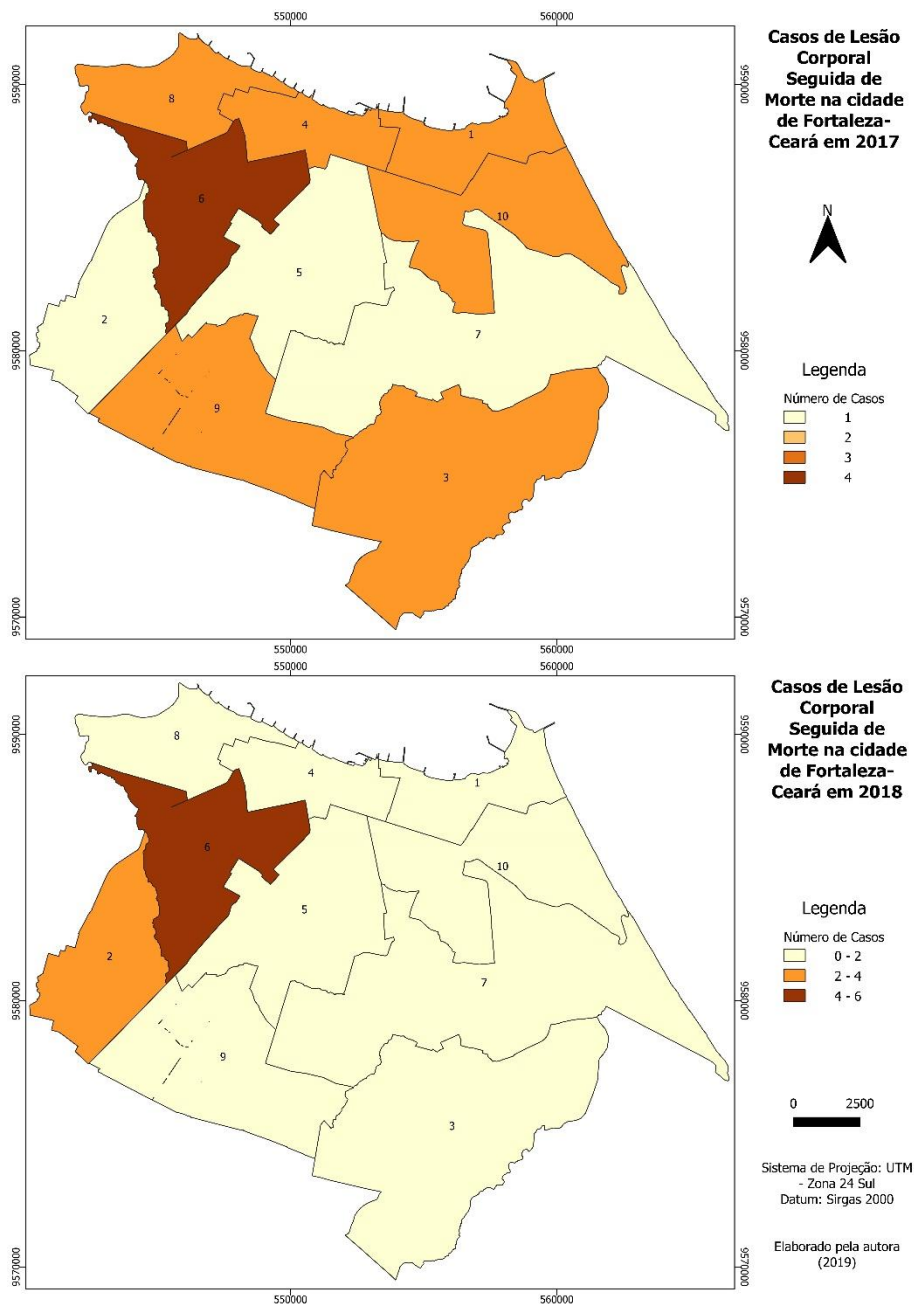
Figura 2 - Mapa de Homicídios Dolosos por AIS, na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Observando a Figura 3 nota-se que a cidade se divide em três classes quanto ao número de ocorrências de casos de Lesão Corporal Seguida de Morte. A maior parte das AIS se encontram nos níveis mais baixos de casos em 2018, contudo observa-se que a AIS 2 passou para um nível mais elevado em relação a 2017. A pior situação se deu na AIS 6 denotando que não houve mudança nessa área em relação a 2017. Na AIS 2 estão Genibaú, Siqueira e Granja Lisboa, os bairros com piores IDH na cidade de Fortaleza (BARBOSA, 2019).

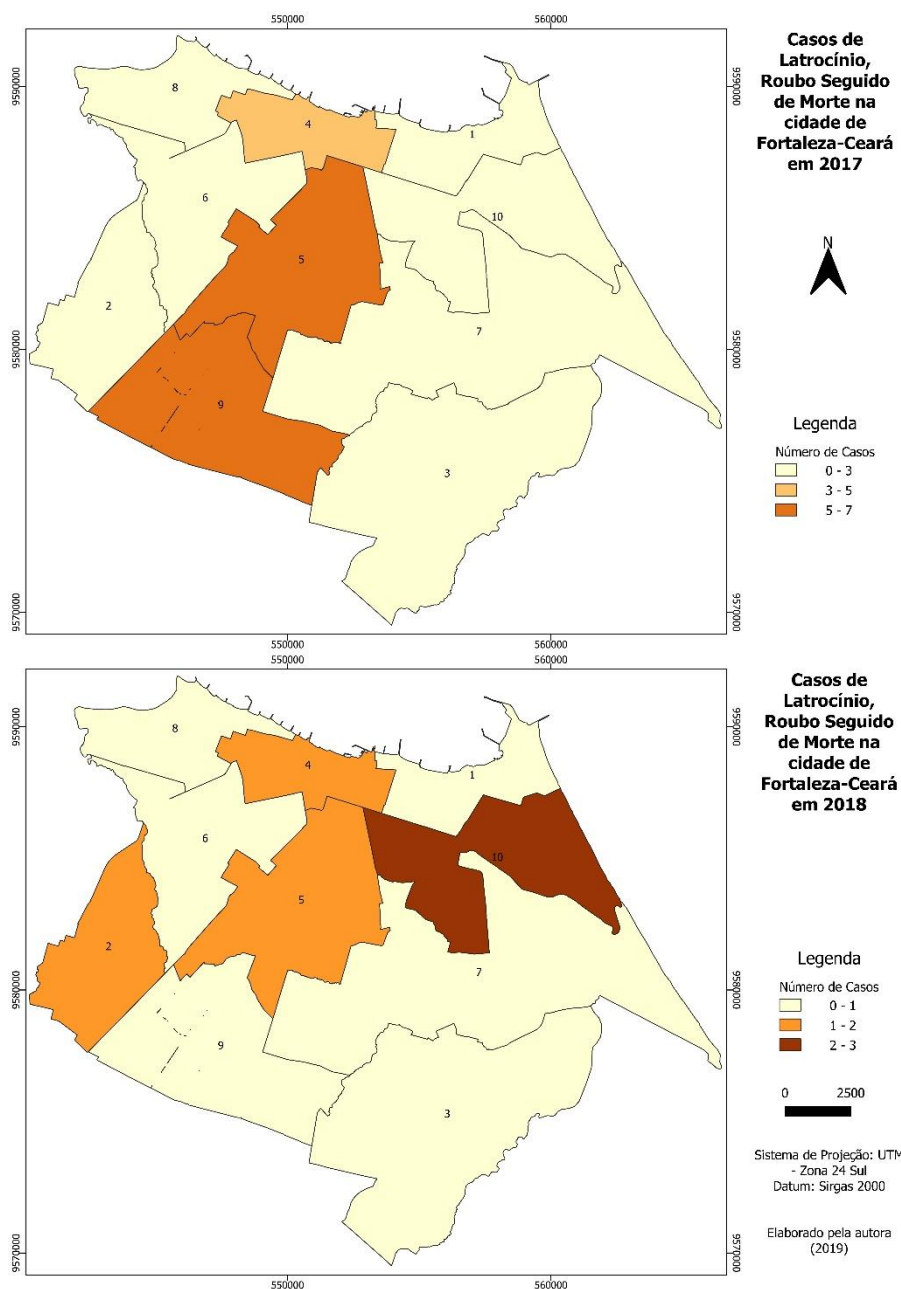
Figura 3 - Mapa de Vítimas de Lesão Corporal Seguida de Morte por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Em relação ao indicador Latrocínio, Roubo seguido de Morte, Figura 4, a AIS 9 saiu do grupo com pior situação para o grupo com melhor situação. O inverso ocorreu com a AIS 10 onde se percebe a intensificação desse crime. Embora com pouco número de casos, este indicador é também preocupante e afeta a qualidade de vida dos moradores dessas regiões mais agravantes.

Figura 4 - Mapa de Vítimas de Latrocínio, Roubo Seguido de Morte por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018

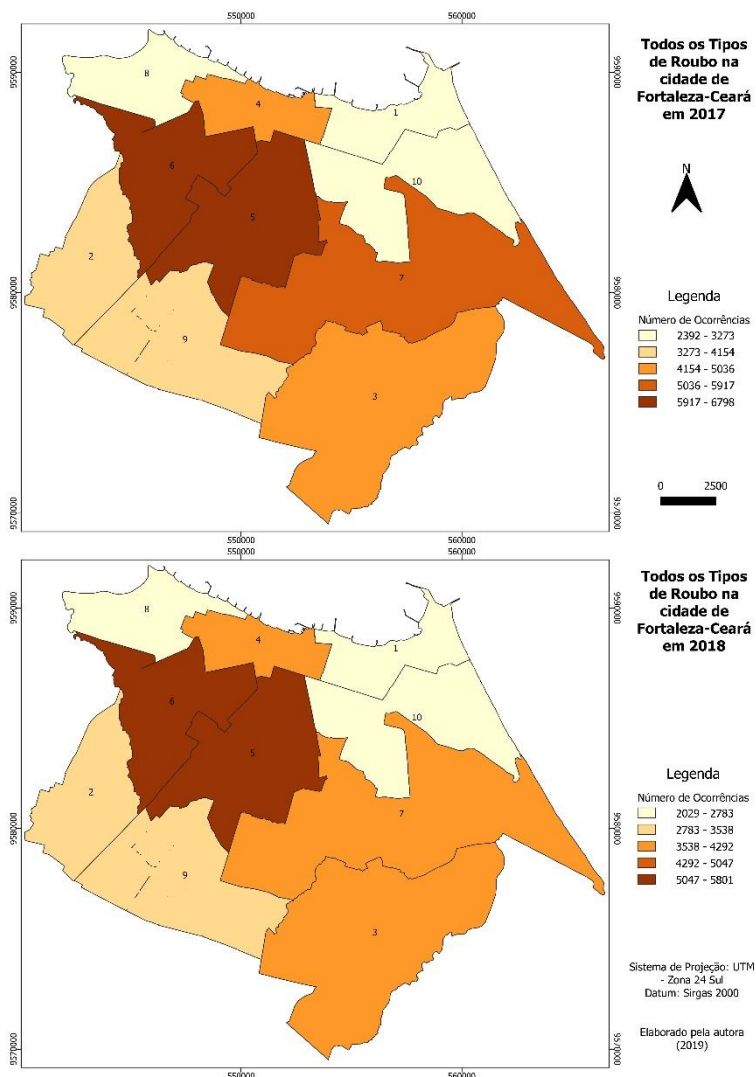


Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Conforme a Figura 5, o número de ocorrências do indicador Todos os tipos de roubo, que inclui os roubos de menor e maior intensidade, só foi modificado na AIS 7, diminuindo o número, enquanto o restante da cidade permanece com o mesmo quadro de 2017. Quando o número de roubos é reduzido no Estado do Ceará, a tendência é que outros crimes também diminuam, isso sendo o caso do latrocínio, roubo seguido de morte (ROUBOS, 2019). A situação vem melhorando no ano de 2019 e está mais diretamente ligada ao crescente número de agentes de segurança em atuação. Os roubos são

considerados crimes de oportunidade, nos quais são afetados com o emprego de policiais nos pontos mais suscetíveis ao cometimento de crimes, muito embora essas ações possam migrar para outros locais (PAIVA, 2019).

Figura 5 - Mapa do indicador de Todos os Tipos de Roubo por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018

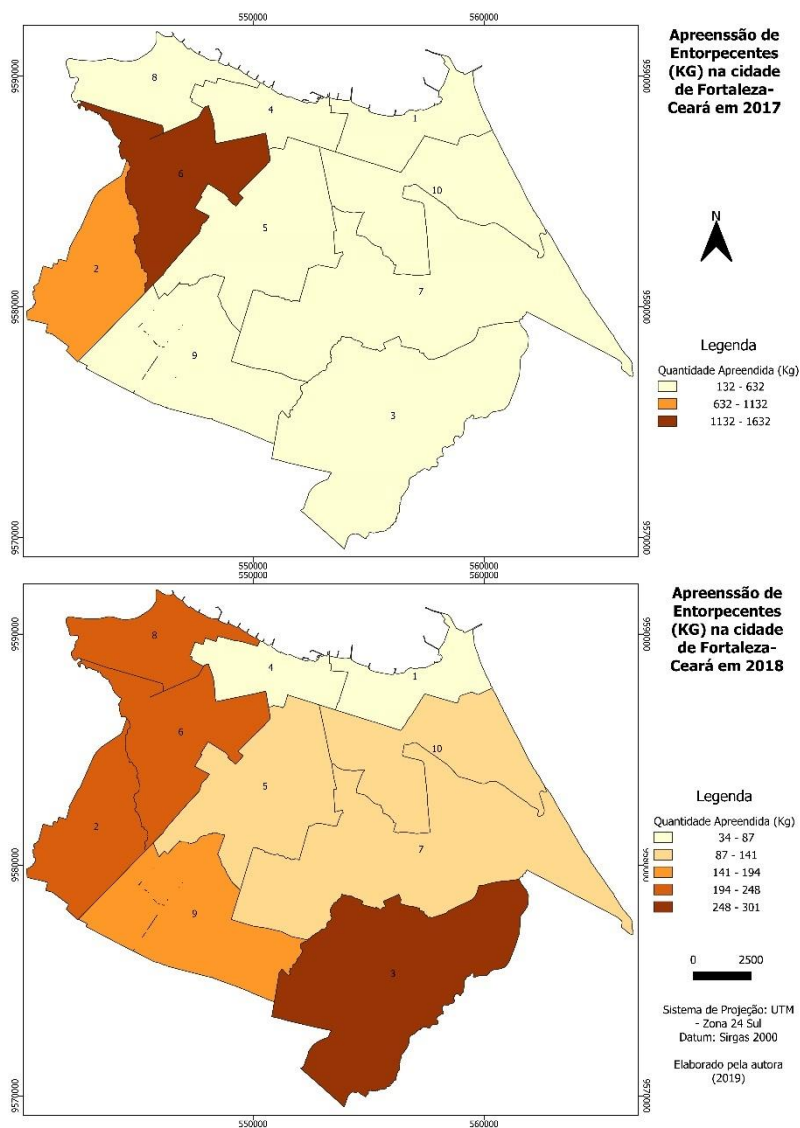


Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O mapa do indicador de Apreensão de Entorpecentes (Kg) mostra uma significativa mudança na quantidade apreendida nos anos analisados, diminuindo bastante o número (Figura 6). Na AIS 6 em 2017, por exemplo, apresentava maior quantidade apreendida, em 2018 demonstra queda. Isso também ocorre na AIS 2. Operações em busca de apreensão de entorpecentes têm sido cada vez mais frequentes nas AIS, com o objetivo de fiscalizar bares, restaurantes e estabelecimentos comerciais; realização de blitzes; cumprimento de mandados de prisão e monitoramento de tornozelados. Essas

operações são compostas por equipes da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS), da Autarquia Municipal de Trânsito (AMC) e da Agência de Fiscalização de Fortaleza (Agefis) (OPERAÇÃO, 2019).

Figura 6 - Mapa de Apreensão de Entorpecentes (Kg) por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018

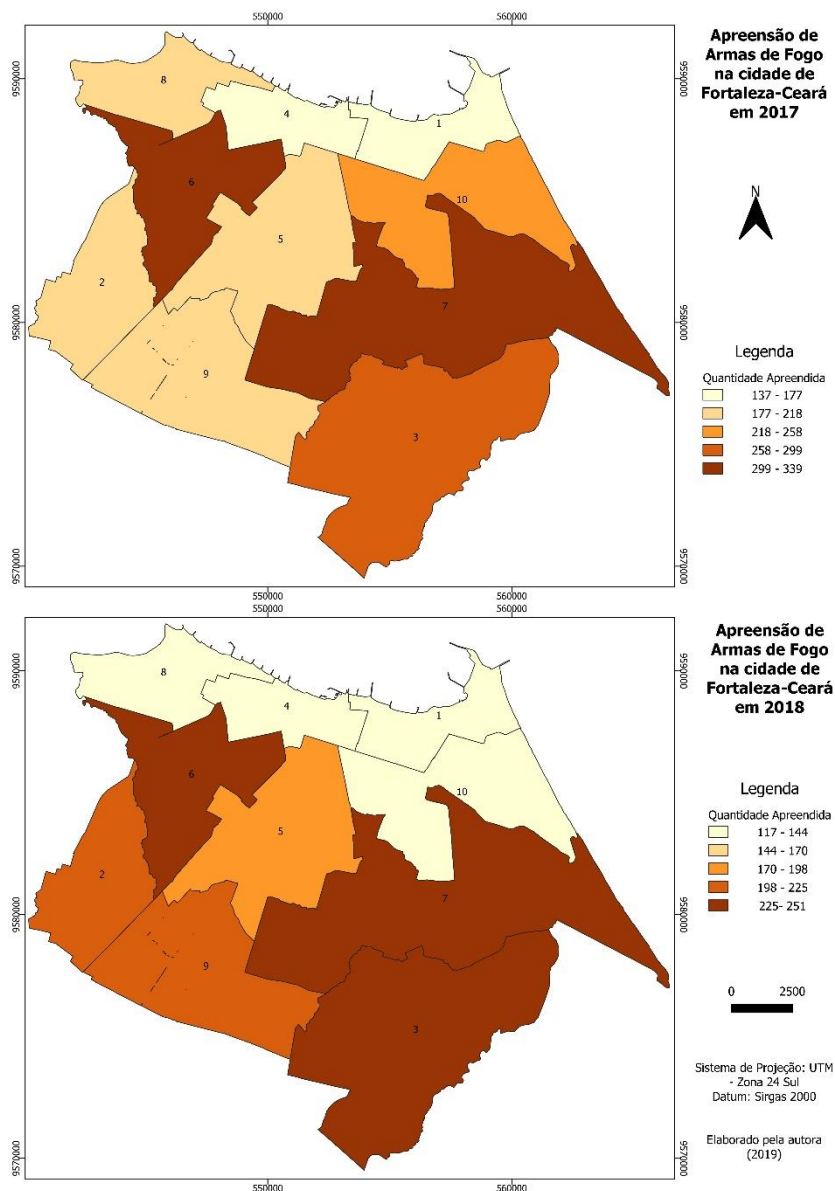


Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Na Figura 7, nota-se que não houve alteração na distribuição espacial do indicador Apreensão de Armas de Fogo entre 2017 e 2018. Vale ressaltar que a maioria dos crimes de homicídios dolosos, latrocínios e lesões corporais seguidas de morte são causados por armas de fogo (POLÍCIA, 2019). Três entre as 10 AISs se inserem no cluster com maiores quantidades apreendidas. Então, a busca para apreender esse tipo de arma

necessita cada vez mais de intensidade nessas áreas para que estes objetos só possam estar sob posse de quem possui a consciência do uso.

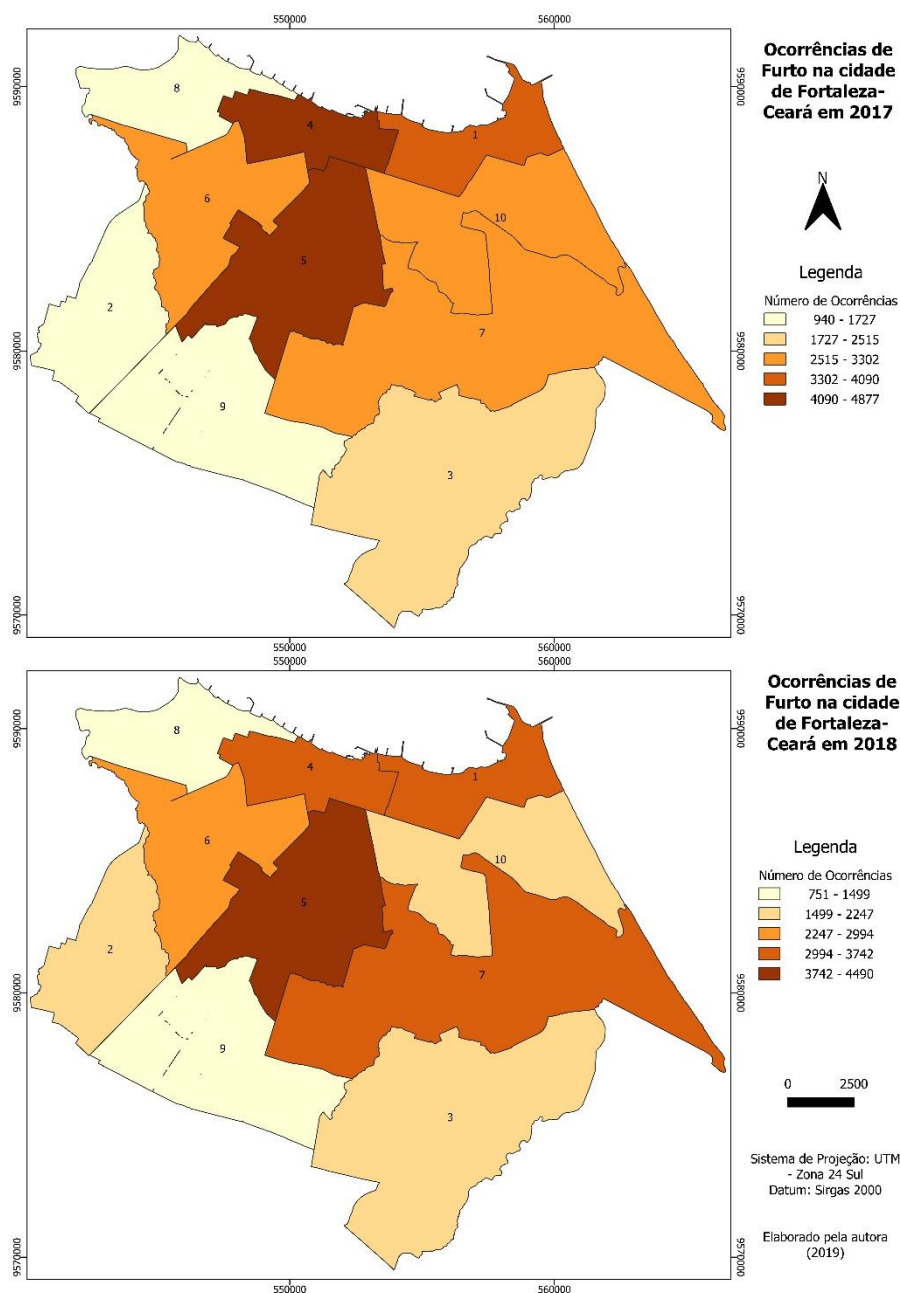
Figura 7 - Mapa de Apreensão de Armas de Fogo por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Sobre o mapa das Ocorrências de Furto na cidade (Figura 8), há novamente migração de um cluster mais violento para outro menos violento das AIS 10 e AIS 4. Mas de modo geral, a situação permanece a mesma para toda a cidade, tornando-a perigosa e causando medo à população que tem o direito de conviver livremente pela cidade, mas torna-se vulnerável ao perigo constante de furtos. O ponto mais crítico da cidade em relação a este indicador mostra-se ser a AIS 5.

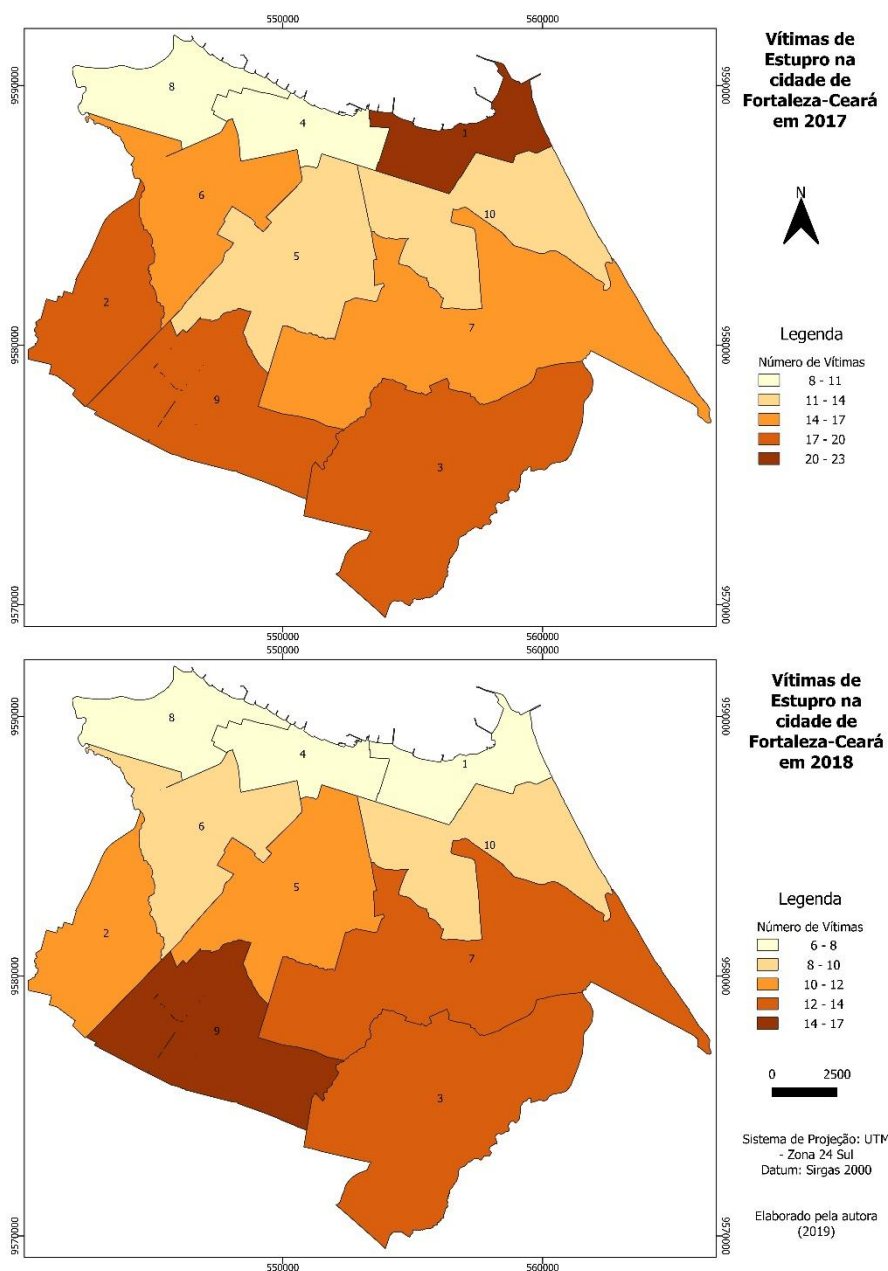
Figura 8 - Mapa de Ocorrências de Furto por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Quanto ao número de vítimas por estupro cabe destacar a situação observada na AIS 1, a qual passou do grupo com maiores taxas para o grupo de menores índices (Figura 9). Em 2018, a área mais crítica na cidade encontrou-se na AIS 9. Houve redução de 0,9% em relação ao ano de 2017. Em todo o Brasil, a maioria das vítimas são mulheres, sendo uma taxa de 19,7 por 100 mil habitantes do Estado do Ceará (FORTALEZA, 2019).

Figura 9 - Vítimas de Estupro por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018

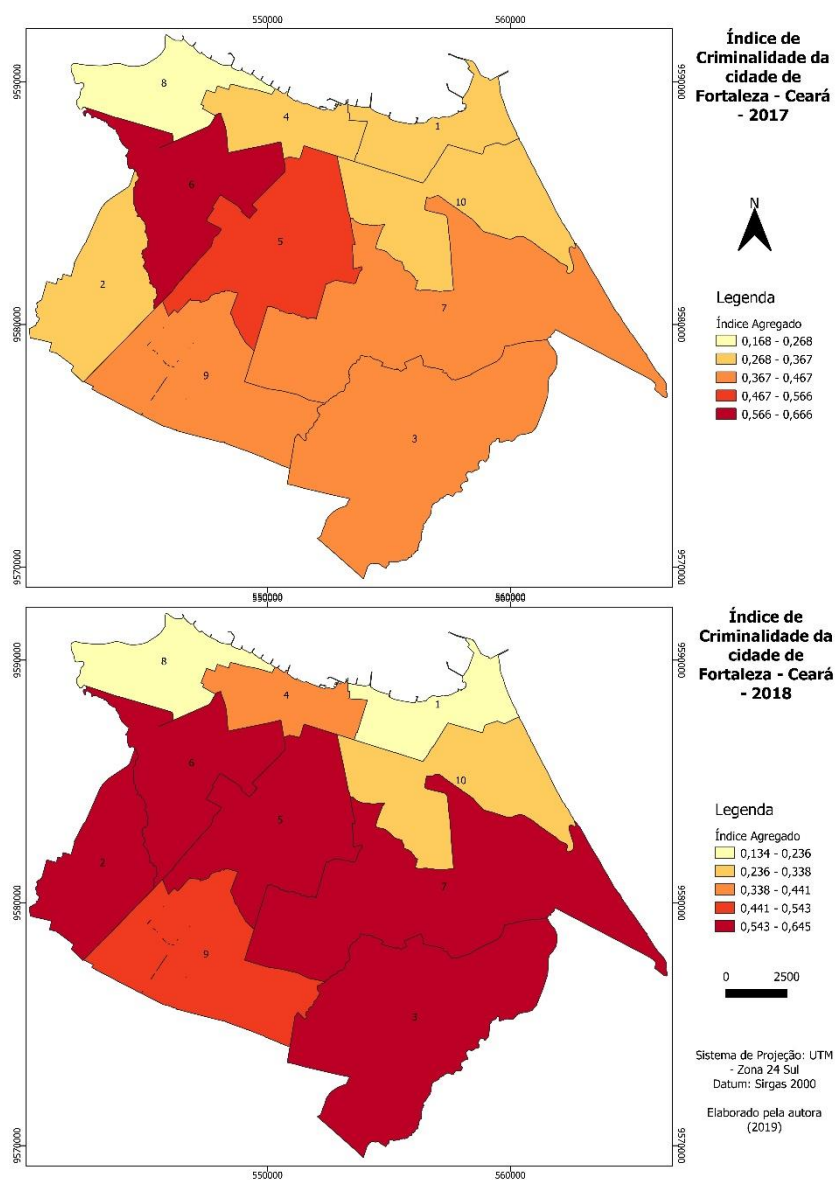


Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Todos os mapas acima permitem visualizar indicadores individuais de criminalidade. A visão global da criminalidade requer uma análise que agregue a situação de cada AIS em relação a todos os indicadores, simultaneamente. Nessa pesquisa isso foi possível com a construção do Índice de Criminalidade. Como é possível observar na Figura 10, Fortaleza encontra-se dividida em cinco grupos de AIS, segundo o nível geral de criminalidade. Em 2017 a AIS 8 se encontrava, sozinha, como a área com menor índice de criminalidade. Em 2018 foi acompanhada da AIS 1. Também em 2017, a AIS 6 se encontrava sozinha no grupo mais violento. Porém, em 2018 foi possível observar que

esse grupo passou a contar com 5, das AIS. Ou seja, Fortaleza é uma cidade violenta, com quase todo seu território com alto índice de criminalidade.

Figura 10 - Mapa do Índice de Criminalidade por AIS na cidade de Fortaleza. Anos 2017 e 2018.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A reflexão sobre a questão da distribuição da violência nos bairros de Fortaleza, chama atenção para as áreas que são julgadas como não vulneráveis a delitos, devido aquele território ter condições socioeconômicas e ambientais consideradas boas, mas que também são alvo para o tráfico de drogas.

4.4 Sistematização das intervenções públicas no combate à criminalidade na cidade de Fortaleza

O combate à violência deve ser exercido por todos os agentes da sociedade: poder público e sociedade em geral, sem que haja um procedimento padrão a ser seguido. Contudo, cabe ao Estado nas esferas federal, estadual e municipal, garantir a elaboração e implementação de políticas públicas capazes de reverter os elevados índices de criminalidade observados na cidade de Fortaleza.

No Quadro 3 constam algumas das principais intervenções públicas no combate à criminalidade na cidade de Fortaleza. A Prefeitura de Fortaleza oferece programas sociais para a população que ajudam no combate à violência, como por exemplo o Programa Adolescente Cidadão, que tem o foco no protagonismo juvenil, nos seus direitos e deveres enquanto cidadãos em processo de formação para a cidadania, no conhecimento coletivo, enquanto sujeitos, tendo em vista a sua autonomia, construção do projeto de vida e de sua identidade. É um programa de profissionalização para adolescentes e jovens de 16 a 21 anos, em situação de vulnerabilidade social, como aqueles em situação de rua ou cumprindo medidas socioeducativas em meio aberto (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2019).

Existem também outros projetos que têm como foco os jovens que cumprem medidas socioeducativas, mas que mantêm outra abordagem, como por exemplo: Projeto Cavaleiros do Futuro, trabalhando o hipismo e música para a ressocialização; Projeto Surfando Oportunidades, através do surf, que envolve capacidades físicas, consciência corporal, conhecimento e respeito pela natureza. A atividade esportiva funciona como espaço alternativo à violência, colaborando com prevenção e estimulando a cultura de paz e o Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medidas Socioeducativas de Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, determinadas judicialmente (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2019).

Quadro 3 – Intervenções municipais e estaduais que auxiliam no combate à criminalidade na cidade de Fortaleza.

Intervenção	Objetivos	Ano de Implementação	Órgão Responsável
Programa Adolescente Cidadão	Protagonismo juvenil; Formação cidadã, Conhecimento coletivo.	-	Casa da Infância/Prefeitura Municipal de Fortaleza
Projeto Cavaleiros do Futuro	Fortalecer as ações de Proteção Social Especial de Média Complexidade, trabalhando o hipismo e música para a ressocialização.	-	Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS)/Prefeitura Municipal de Fortaleza
Projeto Surfando Oportunidades	Fortalecer as ações de Proteção Social Especial de Média Complexidade, através do surf, que envolve capacidades físicas, consciência corporal, conhecimento e respeito pela natureza.	-	Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS)/Prefeitura Municipal de Fortaleza
Programa Ponte de Encontro	Assegurar trabalho social de abordagem e busca ativa que identifique nos territórios a incidência de trabalho infantil, exploração sexual de crianças e adolescentes em situação de rua.	1993	Casa da Infância/Prefeitura Municipal de Fortaleza
Programa Rede Aquarela	Articular e executar a Política Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-juvenil, com ações de prevenção, mobilização e atendimento especializado para vítimas de violência e suas famílias.	2005	Fórum Clóvis Beviláqua - 12 ^a Vara Criminal/Casa da Infância/Delegacia de Combate a Exploração da Criança e Adolescente (DCECA)

Projeto Areninhas	Entregar à população equipamentos esportivos de qualidade, onde a comunidade possa, além de praticar atividade física, ter um espaço seguro de convivência, lazer e formação cidadã.	2014	Prefeitura Municipal de Fortaleza
Rede Cuca	Proporcionar a periferia possibilidades e alternativas de fruição cultural por meio da realização de eventos estratégicos, festivais, mostras, exposições e programação permanente de shows, espetáculos e cinema.	-	Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude
Nova Estratégia de Segurança Pública (NESP)	Aproximação com a população; Uso intensivo de informações e aperfeiçoamento da inteligência e da investigação; Articulação e integração das agências de segurança pública e justiça.	2019	Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará
Motopatrulhamento	Pilotagem de motocicleta, tiro policial, defesa pessoal e técnicas policiais especiais, durante ações e operações de patrulhamento tático da Polícia Militar do Ceará.	2007	Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará
Sistema Policial Indicativo de Abordagem (SPIA)	Sistema de inteligência artificial que encaminha as denúncias para as equipes policiais.	2019	Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará

Portal do Comando Avançado (PCA)	Realização de buscas civis e criminais com imagens de pessoas e informações destas.	2019	Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará
----------------------------------	---	------	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Outro programa promovido pela Prefeitura de Fortaleza é o Programa Ponte de Encontro, que tem a finalidade de assegurar trabalho social de abordagem e busca ativa que identifique nos territórios a incidência de trabalho infantil, exploração sexual de crianças e adolescentes em situação de rua. O programa busca a resolução de necessidades imediatas e promove a inserção na rede de serviços socioassistenciais e das demais políticas públicas na perspectiva da garantia dos direitos. Os educadores sociais realizam as abordagens sociais em locais onde há presença de crianças e adolescentes em situação de rua. Durante a abordagem, são realizadas as seguintes etapas: identificação do indivíduo, aproximação, construção dos vínculos e encaminhamento à rede socioassistencial.

A Prefeitura de Fortaleza também proporciona o Programa Rede Aquarela, criado desde 2005 pela Fundação da Criança e da Família Cidadã (Funci) que articula e executa a Política Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-juvenil, realizando ações de prevenção, mobilização e atendimento especializado para vítimas de violência e suas famílias em parceria com as instituições que compõem os eixos de promoção, defesa e controle social do Sistema de Garantia de Direitos. Há a realização de ações de prevenção através de campanhas, oficinas e palestras com crianças, adolescentes e profissionais da rede. Além disso, há também a promoção da articulação e mobilização de redes locais para o enfrentamento da violência sexual, com atuação em todas as regionais (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2019).

Esses programas e projetos são direcionados aos devidos órgãos a partir do Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS), no qual é uma unidade pública da política de Assistência Social onde são atendidas famílias e pessoas que estão em situação de risco social ou tiveram seus direitos violados. Embora sejam importantes intervenções de assistência a sociedade e prevenção da violência, as filas de espera nos programas são grandes, o que dificulta o acesso as mesmas.

A Prefeitura de Fortaleza também realiza ações de recuperação e requalificação de espaços de lazer, como praças, parques, a fim de favorecer locais de convivência social. Como exemplo disso tem-se o Projeto Areninhas, no qual está urbanizando e

requalificando campos de futebol em bairros com alto índice de vulnerabilidade social. O objetivo é entregar à população equipamentos esportivos de qualidade, onde a comunidade possa, além de praticar atividade física, ter um espaço seguro de convivência, lazer e formação cidadã. A cidade de Fortaleza conta com 23 areninhas distribuídas em diversos bairros.

Outra intervenção realizada pela Prefeitura de Fortaleza é a Rede Cuca, na qual é uma rede de proteção social e oportunidades formada por três Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cucas), que são mantidos pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude. Geridos pelo Instituto Cuca, os Cucas Barra, Mondubim e Jangurussu atendem, prioritariamente, jovens de 15 a 29 anos, oferecendo cursos, práticas esportivas, difusão cultural, formações e produções na área de comunicação e atividades que fortalecem o protagonismo juvenil e realizam a promoção e garantia de direitos humanos. Além disso, a Rede Cuca também visa trazer para a periferia de Fortaleza possibilidades e alternativas de fruição cultural por meio da realização de eventos estratégicos, festivais, mostras, exposições e programação permanente de shows, espetáculos e cinema (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2019).

O Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria de Segurança Pública e Defesa e Social (SSPDS), conta também com intervenções de combate à violência na cidade de Fortaleza. Os órgãos vinculados a esta secretaria são: Academia Estadual de Segurança Pública (AESP); Corpo de Bombeiros Militar (CBM); Perícia Forense (PEFOCE); Polícia Civil; Polícia Militar e Superintendência de Pesquisa e Estratégia de Segurança Pública (SUPESP).

O principal projeto que está sendo desenvolvido atualmente pela SSPDS chama-se Nova Estratégia de Segurança Pública (NESP), baseado na integração, coordenação, cooperação e responsabilização em diferentes níveis. Foram realizados investimentos em tecnologia da informação, em sistemas e dispositivos que favoreçam o trabalho da polícia com efetividade e segurança. Estão sendo também investidos recursos na motivação, qualificação e contratação de policiais, com ampliação do efetivo, valorização salarial e implementação de um novo plano de carreiras. Com foco no território, além da realização da reestruturação prisional e do sistema socioeducativo do estado, há um aumento da presença policial nos municípios.

O motopatrulhamento é uma ação policial realizada pelo Batalhão Policial de Rondas e Ações Intensivas e Ostensivas (BPRAIO), que se define como sendo a pilotagem de motocicleta, tiro policial, defesa pessoal e técnicas policiais especiais, durante ações e operações de patrulhamento tático da Polícia Militar do Ceará.

Existe também o Sistema Policial Indicativo de Abordagem (SPIA), que conta com denúncias realizadas através da Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança (CIOPS), na qual encaminha para a equipe policial de determinada Área Integrada de Segurança (AIS) e a mesma inicia a investigação no local. O SPIA também conta com inteligência artificial, através do videomonitoramento, com 2.543 câmeras distribuídas na cidade de Fortaleza, que captam crimes, como por exemplo, assaltos. O SPIA é capaz de reconhecer placas de veículos, facilitando a localização de automóveis roubados e usados na prática de diversos crimes. O sistema melhora os resultados de abordagens policiais, com a identificação prévia dos veículos.

Outra intervenção é o Portal do Comando Avançado (PCA), que permite a realização de buscas civis e criminais com imagens de pessoas e informações destas. Outra ferramenta, que foi desenvolvida pela SSPDS e pela Universidade Federal do Ceará (UFC), através do Programa Cientista Chefe, em parceria com a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), foi a utilização de um leitor de digital, chamado Big Data, em um smartphone, visando facilitar a identificação de pessoas abordadas.

A SSPDS do Ceará utiliza a tecnologia e a inteligência artificial para o combate à violência, com sistemas e programas modernos que auxiliam os policiais em ações de patrulhamento e na busca de criminosos. Segundo o Secretário de Segurança do Ceará, André Costa, essa metodologia tem sido bastante eficaz, pois o Ceará alcança em dez meses, o menor número de Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI) em toda a sua série histórica. Até então, o menor número de homicídios era o ano de 2009, quando foram registrados 1.881 crimes. Então, isso é fruto de muito trabalho e de investimentos, capitaneados pelo governador Camilo Santana, nas forças de segurança, além do trabalho bastante integrado com a área de proteção social do Estado e com a Secretaria da Administração Penitenciária (COM, 2019).

Considera-se também que algumas dessas ações não são bem visualizadas pela população da cidade de Fortaleza, devido ao modo como os policiais agem nas ruas, a

maneira como tratam as pessoas nas abordagens, principalmente nas áreas periféricas. Portanto, além de um aparato tecnológico, o sistema policial necessita também de medidas que não maltratem a sociedade, não importando o julgo das pessoas, mas visualizando antes de tudo, todos como cidadãos.

Como reforço às estratégias descritas ressalta-se a importância do engajamento da sociedade nos processos de decisão das instâncias atuantes no combate ao crime. Assim, coloca-se nessa pesquisa a necessidade de fortalecer os conselhos municipais de segurança pública. Adicionalmente sugere-se o aumento de reforço na guarda municipal, a disponibilização de informações sobre os crimes praticados de modo a tornar possível o mapeamento em nível de bairros e intensificar o policiamento em áreas consideradas mais vulneráveis ao crime.

5. CONCLUSÃO

A cidade de Fortaleza se encontra entre as mais violentas no Brasil quando se observam seus índices de criminalidade. Uma análise relativa ao ano de 2018 mostrou que os crimes com maior número de ocorrências foram Roubos e Furtos, enquanto os crimes menos frequentes são: Lesão Corporal Seguida de Morte e Latrocínio, Roubo seguido de Morte. Nestes casos, a polícia tem mais aparatos para investigar e buscar os criminosos.

O estudo mostrou que a criminalidade se distribui espacialmente em todas as áreas integradas de segurança de Fortaleza. A cidade de Fortaleza ainda apresenta elevados índices de criminalidade o que a coloca em uma situação de violência endêmica. Contudo, ressalta-se positivamente uma queda na quantidade de crimes em um período recente, especialmente nos indicadores “apreensão de entorpecentes”, “Vítimas de Latrocínio, Roubo Seguido de Morte” e “Vítimas de homicídio doloso”. Cabe, no entanto, maior esforço no combate ao número de “Vítimas de Lesão Corporal Seguida de Morte” que sofreu um aumento entre 2017 e 2018.

O mapeamento das áreas mais violentas de Fortaleza, definidas a partir das AIS, mostrou que a cidade inteira se encontra vulnerável ao crime. A configuração dos indicadores identificou cinco classes de AIS segundo o nível geral de criminalidade. Apesar da redução na criminalidade observada no período analisado, a classe com níveis mais elevados de criminalidade cresceu entre 2017 e 2018, passando de uma única AIS (AIS 6) para cinco AIS o que equivale a um aumento de áreas mais vulneráveis relativamente aquelas menos violentas.

Essa conclusão leva ao questionamento quanto à efetividade das estratégias de combate à criminalidade as quais, incontestavelmente, existem tanto no âmbito municipal quanto no estadual.

Por fim, ressalta-se que a pesquisa conseguiu identificar os principais crimes ocorridos em Fortaleza no período 2017-2018 bem como as áreas mais propensas aos mesmos. Contudo, a análise na escala colocada na AIS ainda é muito alta para se identificar tendências locais, as quais seriam melhor visualizadas se utilizada a escala referente a bairro. Nesse sentido coloca-se como sugestão a produção e divulgação de forma transparente das informações sobre a violência nos bairros.

Como sugestão de pesquisa futura coloca-se aqui a importância de identificar os fatores que determinam as diferenças entre as AIS bem como a análise da relação entre os indicadores socioeconômicos e ambiente e os indicadores de criminalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6 bairros concentram 17% dos homicídios em Fortaleza: Somente a AIS 2 registrou 249 assassinatos no ano passado. **Jornal Jangadeiro**, [S. l.], 1 fev. 2019. LÍDERES DO RANKING, p. 1-1. Disponível em: <https://tribunadoceara.com.br/videos/jornal-jangadeiro/6-bairros-concentram-17-dos-homicidios-em-fortaleza/>. Acesso em: 4 dez. 2019.

ADORNO, T. W. Notas Marginais sobre Teoria e Práxis: *In: Palavras e sinais*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

BARBOSA, L. Bairros com melhor IDH têm menos homicídios: Assassinatos se distribuem em áreas com diversas vulnerabilidades sociais. **Jornal O Povo**, [S. l.], 30 abr. 2019. Caderno Segurança, p. 1-1. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/reportagem/2019/04/29/bairros-com-melhor-idh-tem-menos-homicidios.html>. Acesso em: 7 dez. 2019.

BARREIRA, C. **Violência difusa, medo e insegurança: As marcas recentes da crueldade**. Revista Brasileira de Sociologia, 2013.

BARRETO, M. L. **Desigualdade em saúde: Uma perspectiva global**. Ciência & Saúde Coletiva, 2017.

BEATO FILHO, C. C. **Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999**. Cadernos de Saúde Pública, 2001.

BRANDÃO, T. S. e COSTA, J. H. **Um olhar sobre a violência homicida em Mossoró/RN/Brasil e sua relação com o turismo de eventos**. Turydes, Turismo y Desarrollo Local, 2015.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2011.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. **Atlas da Violência: Retratos dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. **Atlas da Violência 2019**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

BRICEÑO-LEÓN, R. **Urban Violence and Public Health in Latin America: A Sociological Explanatory Framework**. Cadernos de Saúde Pública, 2005.

BRICEÑO-LEÓN, R; ZUBILLAGA, V. **Violence and globalization in Latin America**. Current Sociology, 2002.

BRITTO, C. Q. **Violência e Homicídios Relacionados ao Tráfico de Drogas, em Uberlândia – MG (Tese de Doutorado)**. Uberlândia, 2017. *In: MIRABETE, J. F. Manual de direito penal*. Ver. E ampl, São Paulo, Atlas, 1992.

CANO, I.; SANTOS, N. **Violência letal, renda e desigualdade social no Brasil**. Rio de Janeiro: Letras, 2001.

- CARDOSO, F. L. M. G. **Homicídios no Rio de Janeiro, Brasil: uma análise da violência letal.** Ciência & Saúde Coletiva, 2016.
- CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência. Retratos dos Municípios Brasileiros. 2019.** Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019.
- CHESNAIS, J. C. **Histoire de la violence en Occident de 1800 à nos jours.** Paris: Robert Laffont, 1981.
- COM 52,2% de redução em 2019, Ceará chega ao 19º mês de queda nos CVLIs. [S. l.]: **Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará**, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/2019/11/13/com-522-de-reducao-em-2019-ceara-chega-ao-seu-19-mes-de-reducao-nos-cvlis/>. Acesso em: 14 nov. 2019.
- COSTA, J. H.; SOARES, A. K.; FEITOZA, B. M. e CÂMARA, H. M. **Mapeamento das taxas de homicídios (2013-2014) na cidade do Natal/RN e suas interfaces com a atividade turística.** International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality, 2016.
- COSTA, M. R. **A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira?** São Paulo em Perspectiva, 1999.
- CRUZ, O.G. **Homicídios no Estado do Rio de Janeiro: análise da distribuição espacial e sua evolução [dissertação].** São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo; 1996.
- DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. **Violência: um problema global de saúde pública.** Ciência & Saúde Coletiva, 2007.
- DAVIS, D. E. **A Toolkit for Urban Resilience in Situations of Chronic Violence.** Massachusetts, 2012. Available at: <http://web.mit.edu/cis/urban_resilience.html>. Accessed in: Ago 2019.
- DOYLE, C. **Perceptions and realities of violence in Medellín, Colombia.** International Journal for Crime, Justice and Social Democracy, 2019.
- ERVILHA, G. T.; LIMA, J. E. Um método econométrico na identificação dos determinantes da criminalidade municipal: a aplicação em Minas Gerais, Brasil (2000-2014). **Econ. soc. territ**, Toluca, v. 19, n. 59, p. 1059-1086, abr. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-84212019000101059&lng=es&nrm=iso>. Acessado em: 13 dez. 2019.
- FAJNZYLBER, P.; LEDERMAN, D.; LOAYZA, N. **Determinants of crime rates in Latin America and the world: an empirical assessment.** World Bank Latin American and Caribbean Studies. Washington, D. C.: World Bank, 1998.
- FAJNZYLBER, Pablo; ARAUJO JR, Ari. Violência e criminalidade. **Microeconomia e sociedade no Brasil.** CEDEPLAR. Texto para Discussão.167. p. 333-394, 2001.
- FEITOSA, B. M. B.; COSTA, J. H. **Violencia urbana, inseguridad y turismo en la ‘ciudad del sol’ (Natal, RN, Brasil).** Revista Turismo y Sociedad, 2019.

FEITOZA, Betânia Maria Barros; COSTA, Jean Henrique. Violência urbana, insegurança e turismo na ‘Cidade do sol’(Natal/Rn/Brasil). **Turismo y Sociedad**, v. 25, p. 93-112, 2019.

FORTALEZA entre as capitais com redução em crimes de estupro: Em um dos casos mais recentes, uma criança de 10 anos se jogou do primeiro andar, no bairro Granja Lisboa, para fugir da violência sexual. **CNews**, [S. l.], 13 set. 2019. Caderno de Notícias, p. 1-1. Disponível em: http://cnews.com.br/cnews/noticias/142328/fortaleza_entre_as_capitais_com_reducao_em_crimes_de_estupro. Acesso em: 7 dez. 2019.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo, 2018.

GOMES, R. et al. **Êxitos e limites na prevenção da violência: Estudo de caso de nove experiências brasileiras**. Ciência & Saúde Coletiva, 2007.

GONZÁLEZ, Y. B. **Estrategias de resistencia de las mujeres para afrontar las violências en Medellín y Barrancabermeja, 2000-2005**. Revista de Historia Regional y Local, 2019.

HERMES, I.; ALVES, C. e BRANDÃO, T. **Rastros de pólvora: Metadados**. Natal, RN: Edição dos Autores, 2015. Disponível em: https://issuu.com/iveniodiebhermes/docs/rastros_de_p__lvora__ed_de_lan__ame/1.

HOMICÍDIOS, roubos e furtos deixam a Capital cearense acuada pelo medo: A guerra entre as facções alimenta os altos números de execuções, enquanto desencoraja os assaltos. **Diário do Nordeste**, [S. l.], 5 fev. 2018. Segurança, p. 1-1. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/seguranca/homicidios-roubos-e-furtos-deixam-a-capital-cearense-acuada-pelo-medo-1.1890066>. Acesso em: 4 dez. 2019.

JOHNSTON, D. C. **Divide: The perils of our growing inequality**. New York: The New Press, 2014.

KASANG, N. **Prevenção socioespacial da violência: Inibindo a violência em Caracas através do planejamento espacial**. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), 2014.

KOWARICK, L.; ANT, C. Violência: reflexões sobre a banalidade do cotidiano em São Paulo. In: BOSCHI, Renato Raul (org.), **Violência e cidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

KRAUSE, K. **Beyond definition: Violence in a global perspective**. Global Violence, 2009.

KRUG, E.; DAHLBERG, L.; MERCY, J. A. **World Report on Violence & Health**. Summary. WHO, 2002. Available at: http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/. Acesso em: Ago. 2019.

- KRUG, E.G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A. B.; LOZANO, R. **World report on violence and health**. Genebra: WHO, 2002.
- LIMA, M. L. C.; XIMENES, R. A. A.; FEITOSA, C. L.; SOUZA, E. R.; ALBUQUERQUE, M. F. P. M.; BARROS, M. D. A. et al. **Conglomerados de violência em Pernambuco, Brasil**. Revista Panam Salud Publica (Panam J Public Health), 2005.
- MALVASI, P. A. **Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MARC, A.; WILLMAN, A. M. **Violence in the City: Understanding and Supporting Community Responses to Urban Violence**. Washington: World Bank, 2010.
- MERICATO, E. **Metrópole na Periferia do Capitalismo: Ilegalidade Desigualdade e Violência**. São Paulo, 1995.
- MICHAUD, Y. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.
- MICHAUD, Y. **La violence: une question de normes**. Sciences Humaines, 1998.
- MINAYO, M. C. S. **Social Violence from a Public Health Perspective**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1994.
- MINAYO, M. C. S. **The inclusion of violence in the health agenda: Historical trajectory**. Ciência & Saúde Coletiva, 2006.
- MINAYO, M. C.; SOUZA, E. R. **É possível prevenir a violência?** Revista Ciência & Saúde Coletiva, 1999.
- MISSE, M. **Crime e Pobreza: Velhos Enfoques, Novos Problemas**. Seminário Brasil em Perspectiva: Os anos 90. Laboratório de Pesquisa Social do Departamento de Ciências Sociais/IFCS/UFRJ, 1993.
- MONCADA, E. **The Politics of Urban Violence: Challenges for Development in the Global South**. Studies in Comparative International Development, 2013.
- MONTEIRO, M. **Pobreza Extrema no Espaço Urbano: O Caso dos Moradores de Rua de Fortaleza-Ce, Brasil**. Universidade Estadual do Ceará, 2011.
- MUGGAH, R. **Researching the Urban Dilemma: Urbanization, Poverty and Violence**. 2012. Available at: <https://www.idrc.ca/sites/default/files/sp/Images/Researching-the-Urban-Dilemma-Baseline-study.pdf>. 2012. Accessed Ago 2019.
- OLIVEIRA, L. C. P. et al. Curso de Vida, Adolescentes e Criminalidade: Ima leitura a partir do pia. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822019000100228&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 13 Dec. 2019.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEN, R. G. Chame o ladrão: as vítimas da violência no Brasil. In: BOSCHI, Renato Raul (org.). **Violência e cidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

OPAS (Organización Panamericana de la Salud). **Indicadores básicos**. Washington D.C.: OPS; 1998.

OPERAÇÃO na AIS 6 resulta em prisões e apreensões de armas de fogo e drogas. [S. l.]: **Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará**, 23 fev. 2019. Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/2019/02/23/operacao-na-ais-6-resultado-em-prisoas-e-apreensoes-de-armas-de-fogo-e-drogas/>. Acesso em: 7 dez. 2019.

PAIVA, T. Ocorrências de roubo diminuíram 43%: Comparação é com o mesmo período de 2018. Queda está relacionada ao aumento do policiamento ostensivo para conter a onda de ataques. **Jornal O Povo**, [S. l.], 16 jan. 2019. Caderno de Segurança Pública, p. 1-1. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/reportagem/2019/01/ocorrencias-de-roubo-diminuiram-43.html>. Acesso em: 7 dez. 2019.

PEREIRA, Célia Rodrigues; FERREIRA, Geandya Thayse; LIMA, Eduardo. POLÍTICAS PÚBLICAS EM DIREÇÃO À PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA ESTRUTURAL. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 7, p. 16-24, 2019.

POLÍCIA Civil faz a maior apreensão de armas de fogo do ano: Fuzis, pistolas, revólveres, espingardas, rifles, carabinas, lunetas e munições foram apreendidos. Fortaleza: **Fernando Ribeiro**, 12 jul. 2019. Disponível em: <http://www.blogdofernandoribeiro.com.br/index.php/81-categorias/violencia-urbana/4983-policia-civil-faz-a-maior-apreensao-de-armas-de-fogo-do-ano>. Acesso em: 7 dez. 2019

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Trabalhos e Serviços Sociais**. Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/categoria/social>. Acesso em: 20 novembro. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA – PMF. Secretaria de Finanças – SEFIN. **Demografia por bairros da cidade de Fortaleza**. Fortaleza, 2015.

RIBEIRO, E. CANO, I. **Vitimização letal e desigualdade no Brasil: Evidências em nível municipal**. Civitas, Porto Alegre, 2016.

RIBEIRO, M. F. **Efeito da estrutura etária nas taxas de homicídios em regiões metropolitanas brasileiras (Natal – Recife – São Paulo)**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/16432>>.

ROUBOS de veículos caem quase 50% no Ceará; CVP em geral chega ao 24º mês de redução. [S. l.]: **Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará**, 10 jun. 2019. Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/2019/06/10/roubos-de-veiculos-caem-quase-50-no-ceara-cvp-em-geral-chega-ao-24-mes-de-reducao/>. Acesso em: 7 dez. 2019.

SAMPAIO, T. V. M. **Cartografia temática**. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR, 2018.

SAMPAIO, T. V. M.; BRANDALIZE, M. C. B. **Cartografia geral, digital e temática**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas, 2018.

SAMPSON, R. J.; GROVES, W. B. **Community structure and crime: testing social-disorganization theory**. American Journal of Sociology, 1989.

SAMPSON, R. J.; RAUDENBUSH, S. S.; EARLS, F. **Neighborhoods and violent crime: A multilevel study of collective efficacy**. Science, 1997.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; DE ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, 2009.

SILVA, S. G. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 3, p. 556-571, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 1 Dez. 2019.

SILVA, L. A. M. **Violência Urbana, Segurança Pública e Favelas – O caso do Rio de Janeiro atual**. Caderno CRH, Salvador, 2010.

SOUZA, E. R.; LIMA, M. L. C. **Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais**. Ciência & Saúde Coletiva, 2007.

STIGLITZ, J. E. **The price of inequality. How today's divide society endangers our future**. New York: WW Norton & Company, 2013.

SZWARCWALD, C. L.; CASTILHO, E. A. **Mortalidade por armas de fogo no Estado do Rio de Janeiro, Brasil: uma análise espacial**. Revista Panam Salud Publica (Panam J Public Health), 1998.

TUCH, S. A. **Urbanism, Region, and Tolerance Revisited: The Case of Racial Prejudice**. American Sociological Review, 1987.

VIAL, E. A.; ASQUIDAMINI, F.; JUNGES, J. R. Vulnerabilidades socioeconômicas e violência no contexto juvenil. In: ASQUIDAMINI, F.; VIAL, E. A. (org.). **Sustentabilidade eis a questão: juventudes, trabalho e economia**. São Leopoldo: Contexto Gráfica, 2010.

VIAL, E. A.; JUNGES, J. R.; OLINTO, M. T. A.; MACHADO, P. S.; PATTUSSI, M. P. **Violência urbana e capital social em uma cidade no Sul do Brasil: um estudo quantitativo e qualitativo**. Revista Panam Salud Publica, 2010.

VILLARREAL, A.; SILVA, B. F. A. **Social cohesion, criminal victimization and perceived risk of crime in Brazilian neighborhoods**. Social Forces, 2006.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência dos municípios brasileiros**. Brasília: Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007.

WILSON, T. C. **Urbanism and Tolerance: A Test of Some Hypotheses Drawn from Wirth and Stouffer**. American Sociological Review, 1985.

WINTON, A. **Urban violence: A guide to the literature.** Environment and Urbanization, 2004.

WORLD BANK. **Violence in the City: Understanding and Supporting Community Responses to Urban Violence.** Available at: <http://documents.worldbank.org/curated/en/2011/04/14831166/violence-cityunderstanding-supporting-community-responses-urban-violence>. 2011. Acesso: Ago 2019.

XAVIER, A. R.; CHAGAS, E. F.; REIS, E. C. Direito positivo, miséria social e violência no capitalismo globalizado. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 134, p. 107-123, Abril. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282019000100107&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 13 Dez. 2019.

ZALUAR, A.; NORONHA, J.; ALBUQUERQUE, C. **Violência: pobreza ou fraqueza institucional?** Cadernos de Saúde Pública, 1994.